



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA MARLEIDE MORAIS CARLOS

**“MODAS E MODOS”: O FEMININO NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, RIO DE
JANEIRO/RJ (DÉCADA DE 1950)**

CAJAZEIRAS-PB

2021

MARIA MARLEIDE MORAIS CARLOS

“MODAS E MODOS”: O FEMININO NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, RIO DE JANEIRO/RJ (DÉCADA DE 1950)

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.

CAJAZEIRAS-PB

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C284m Carlos, Maria Marleide Morais.

“Modas e modos”: o feminino na revista *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro/RJ (década de 1950) / Maria Marleide Morais Carlos. - Cajazeiras, 2021.

76f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2021.

1 - Mulheres no Brasil - história. 2. Revistas femininas. 3. Educação feminina. 4. Gênero. 5. Anos dourados. 6. *Jornal das Moças*. I. Santana, Rosemere Olímpio de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 305-055.2(81)(091)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

MARIA MARLEIDE MORAIS CARLOS

“MODAS E MODOS”: O FEMININO NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, RIO DE JANEIRO/RJ (DÉCADA DE 1950)

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Banca Examinadora:

Data de aprovação: 18 de outubro de 2021

Profª. Dra. Rosemere Olímpio de Santana
Professora Orientadora

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Membro Interno 1

Profª. Dra. Mariana Moreira Neto
Membro Interno/Externo 1

Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias
Membro Suplente

Dedico à minha avó Maria Manoela (In Memoriam).

AGRADECIMENTOS

Saber reconhecer é um ato de gratidão para com o outro. Portanto, agradeço a todos que me acompanharam na graduação, pelas palavras, pelos gestos e pela atenção que me deram durante toda essa caminhada. Tenho certeza que esquecerei nomes importante que tiveram ou passaram na minha vida durante essa jornada na academia, que direto ou indiretamente compartilhamos vivências.

Assim, começo agradecendo a Deus e a Nossa Senhora de Fátima pela oportunidade de chegar a Universidade e por ter me dado força de nunca desistir dos meus sonhos, mesmo tendo ciência dos obstáculos que surgiriam.

Gratidão à minha família por estar sempre comigo e me apoiar em todos os momentos. Obrigada Marcicleide e Carlos Filho, amo vocês dois, meus queridos irmãos. Meu cunhado Janailton que entrou em nossa família para somar. Painho (Francisco) e mainha (Marlene) grata por tudo que vocês fizeram e fazem por mim todos os dias. Quero que saiba que onde estiver levá-los-eis sempre comigo, e espero poder retribuir de alguma forma todos os esforços seus para comigo.

Sou mais uma filha de agricultores chegando ao final de um curso superior, que apesar de tantas dificuldades foi cheio de aprendizado, carregado com doses de alegrias e momentos singulares. Sempre estudei em escola pública e presenciava diariamente as dificuldades enfrentadas por meus professores (as) para dar a melhor aula possível com os meios que dispunham, portanto, sou grata a todos aqueles (as) que me acolheram como aluna e amiga no Ensino Fundamental, Médio e Superior, em especial aos professores: Rosa, Geralda, Naninha, Junior, Diomedes, Viviane, Rodrigo, Israel, Rosilene, Neto, Laércio e a minha orientadora Rosemere. Vocês me inspiram diariamente e fazem ter certeza da escolha pela docência.

Morar na Residência Universitária da UFCG/CFP me proporcionou construir amizades que vão além daqueles muros, não irei citar todos os nomes, pois corro grande risco de esquecer alguns, portanto aos meus irmãos guerreiros (as) residentes, obrigada por tudo que vivemos e se pudesse viveria novamente, em especial ao amigo e conterrâneo Ailmo Xavier (in memoriam), que me acolheu desde do dia que resolvi pedir residência, a Brannck, Aderlandia, Mylena e Lilian amigas para todas as horas, a quem confio meus segredos. Nesse percurso também tive o prazer de conhecer pessoas mais que especiais que me aturaram diariamente na convivência mais direta. Então, não poderia deixar de falar das irmãs que

passaram pelo quarto 07, em particular Mylena e Joyce. Meninas, tenho enorme carinho por vocês, contem sempre comigo.

Participar do PIBID e RP me fizeram encontrar com a professora que havia dentro de mim. Nessas experiências aprendi demais com professores batalhadores que se desdobram e dão o melhor de si. Jefferson Fernandes, quero ser igual a tu quando crescer, tenho enorme admiração por você e não poderia esquecer dos demais colegas do curso e os coordenadores (as) de ambos os programas que proporcionaram ótimos encontros de aprendizado e de estreitamento de laços de amizade.

Não sei escrever coisas bonitas e até porque nem saberia explicar com palavras o elo que existe entre meu grupo e eu, mas sabe aquele clichê *“da universidade para a vida”*, aqui se encaixa perfeitamente. Agradeço aos meus amigos João Kaio, Jaíne, Deo e Larissa, juntos dividimos inúmeras alegrias e perrengues tanto na vida acadêmica como em nossas vidas pessoais, tenho amor por vocês e tenho certeza que é recíproco. Contarei sempre com vocês e saibam que estarei aqui para o que precisarem. Somos mais que amigos, somos irmãos que a UFCG uniu, aquele encontro de almas.

A Pe. Sérgio pela amizade e pelas tantas caronas de Aguiar a Cajazeiras. Eram momentos divertidos que faziam o tempo voar. Peço sempre a Deus que ilumine seu ministério sacerdotal, que seja sempre um bom pastor para suas ovelhas, quero que saiba que você me ajudou muito e jamais esqueci tudo que fizeste por mim.

Aqueles que fazem morada no meu coração, Alcione, Raquel, Lili, Junior, seu André e Dona Neném, chegando devagarzinho cada um ao seu jeito e em diferentes circunstâncias, ganharam meu coração. Aos meus amigos da turma 2014.2, que ao nosso jeitinho formamos uma amizade coletiva, sempre estávamos um ao lado do outro, torcendo e compartilhando experiências. Desejo sucesso a todos, independente se concluíram ou foram para outros caminhos.

Gratidão aos nossos queridos professores da UACS (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais), em especial Rosilene e Israel por todos os ensinamentos e empatia com a nossa turma. Rosilene nos períodos iniciais e Israel na reta final.

Não poderia esquecer dos amigos Eridiany, Junior Alves, Higor, Kaio Steffano, César, Ana Maria, Joedna, Amanayara, Rafael, Douglas, Marilda, Thereza, Lucas Santos, Gabriely, Marciana, Juliana, Gabriel Bento (primo querido, que sempre me dirigia palavras lindas de encorajamento) e Jorge, com eles tenho uma relação de amizade e a cada reencontro novas memórias vão se construindo.

Um obrigado muito carinhoso à minha orientadora, Dr^a. Rosemere Olimpio de Santana. Grata pela dedicação e paciência ao longo desses anos de orientação. Os encontros presenciais e virtuais foram enriquecedores para minha formação acadêmica e pessoal. Desejo-te sucesso em teus projetos e continue sendo essa pessoa sensível e empática ao outro. Sei que dei trabalho, mas nunca desistiu de mim, obrigada!

Por fim, chega-se ao final de mais uma etapa para que outras possam ser iniciadas. Gratidão! Creio que não exista outra palavra para descrever tal sensação.

Seria bom imaginar uma realidade social em que as relações entre homens e mulheres pudessem ser pautadas mais por sentimentos e emoções de que por jogos de poder, normas sociais e conveniências espúrias.

Carla Bassanezi Pinsky

RESUMO

A Revista “*Jornal das Moças*” circulou no Brasil entre 1914 a aproximadamente 1964. Teve como público, principalmente, as mulheres, já que vinculava em seu conteúdo várias temáticas que referenciavam o cotidiano feminino, como beleza, moral, casamento e moda. Nossa pesquisa tem como recorte temporal a década de 1950, período marcado por mudanças tanto nas práticas como nos costumes, evidenciando um estilo de vida norte americano marcado pelo consumo e pelo otimismo econômico de desenvolvimento. Partindo disso busca-se problematizar como o feminino é apresentado nesse periódico, que direta ou indiretamente influenciou a vida de seus consumidores e como contribuiu para a formação de um perfil de mulher. Que imagem feminina era essa propagada pelo *Jornal das Moças* naquele momento? Não somente no que se refere ao ser mulher, mas também as práticas que estão à sua volta. Nos detemos em especial na análise de uma coluna específica que foi a *Troças e Traços*, na qual vinculava piadas, anedotas e charges. As piadas foram assim, representações das relações de gênero naquele período no qual as mulheres eram representadas de forma negativa e pejorativa. Usamos como aporte teórico os autores Pinsky (2014), Almeida (2008), Scott (1995), Marques (2014), dentre outros.

Palavras chaves: Jornal das Moças, Revistas Femininas; Educação Feminina; Gênero; Anos Dourados.

ABSTRACT

The magazine “Jornal das Moças” circulated in Brazil between 1914 and approximately 1964. Its audience was mainly women, as it linked in its content several themes that referenced the female daily life, such as beauty, morals, marriage and fashion. Our research has as a time frame the 1950s, a period marked by changes both in practices and customs, evidencing a North American lifestyle marked by consumption and economic optimism for development. Based on this, I seek to problematize how the feminine is presented in this periodical that directly or indirectly influenced the lives of its consumers and how it contributed to the formation of a woman's profile. What female image was this propagated by the Jornal das Moças at that time? Not only when it comes to being a woman, but also the practices that surround you. We focused in particular on the analysis of a specific column that was Troças e Traços, in which it linked jokes, anecdotes and cartoons. The jokes were like this, representations of gender relations in that period in which women were represented in a negative and pejorative way. We used as theoretical support the authors Pinsky (2014), Almeida (2008), Scott (1995), Marques (2014), among others.

Keywords: Jornal das Moças, women's magazines; female education; genre; Golden years.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – PRIMEIRA EDIÇÃO	18
FIGURA 2 - CAPA DE 1914.....	25
FIGURA 3 – CAPA DE 1950	26
FIGURA 4 - FRAGMENTOS.....	32
FIGURA 5 – CURSO CORTE E COSTURA.....	37
FIGURA 6 – ANÚNCIO ELNA	37
FIGURA 7 – A BELEZA É OBRIGAÇÃO	41
FIGURA 8 - MODESS.....	44
FIGURA 9 – PROPAGANDA LOÇÃO JUVENIA	45
FIGURA 10 – REVISTA DO GLOBO.....	49
FIGURA 11 - TROÇAS E TRAÇOS	53
FIGURA 12 - TROÇAS EM TRAÇOS	53
FIGURA 13 - TRAÇOS E TROÇAS.....	54
FIGURA 14 – EDIÇÃO Nº 01805	55
FIGURA 15 – TERIA IDO MESMO ÀS NUUVENS	57
FIGURA 16 - EDIÇÃO Nº 1916.....	59
FIGURA 17 - SOBRE MODA.....	60
FIGURA 18 - PIADA.....	61
FIGURA 19 - PIADA DE FEVEREIRO DE 1952	62
FIGURA 20 - DISCURSO	63
FIGURA 21 - CONVERSA	64
FIGURA 22 - SILÊNCIO.....	65
FIGURA 23 – MULHER IDEAL	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A REVISTA COMO MEIO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E DIVERSÃO	17
2.1 “JORNAL DAS MOÇAS - A REVISTA DE MAIOR PENETRAÇÃO NO LAR”	17
2.2 QUANTO AO CONTEÚDO DO JORNAL DAS MOÇAS	23
2.3 DISCUTINDO GÊNERO NO JORNAL DAS MOÇAS	27
3 “DESNUDANDO OS JOGOS”: CONTEXTO HISTÓRICO E RELAÇÃO DE GÊNERO NA DÉCADA DE 1950	33
3.1 JORNAL DAS MOÇAS E OS ANOS 1950	33
3.2 “A MODERNIDADE DITA SUAS REGRAS”: BELEZA E CONSUMO NO JM.....	39
3.3 E OS HOMENS? O QUE DIZ O JORNAL DAS MOÇAS SOBRE ELES?.....	46
4 A TROÇAS & TRAÇOS NO JORNAL DAS MOÇAS	50
4.1 APRESENTANDO A SEÇÃO	50
4.2 ANALISANDO A SEÇÃO TROÇAS & TRAÇOS	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, artefatos culturais como o *Jornal das Moças* contribuíam significativamente para a educação da mulher, onde através dos mesmos, era vinculado um modelo de comportamento que as mulheres seguiam, embora não levassem em consideração as diversas realidades vividas por aquelas mulheres. Esse tipo de artefato foi propagado no Brasil e em outros países como França e Estados Unidos, os mesmos vinculavam matérias relacionadas ao dia a dia da mulher (culinária, moda, maquiagem, higiene pessoal, educação, casamento etc.), o que ler e conseqüentemente como falar em seu meio, ou seja, os modos de ser e viver dentro do mundo criado para o feminino, este que acabava se tornando uma construção, sobretudo pela mídia.

O primeiro contato com a fonte foi durante as disciplinas de Projeto de Pesquisa e ao longo das quatro cadeiras (Pesquisa I, II, III e IV) me debrucei a estudar sobre o *Jornal das Moças* pois já havia em me o desejo de trabalhar com o feminino e a revista abriu um leque de possibilidades. A princípio não sabia o que trabalhar na revista, mas fiquei encantada com as imagens, posteriormente conhecendo melhor a fonte resolvi estudar a *Troças & Traços*. Nesse sentido reconheço aqui a importância das cadeiras de Projeto de Pesquisa no desenvolvimento do trabalho aqui apresentado.

A revista *Jornal das Moças* foi um semanário “ilustrado e literário” que circulou no Brasil de 1914 a aproximadamente 1964, passando momentos importantes dentro da história. Carregou em suas páginas uma infinidade de dicas e conselhos para seus leitores, em especial para as mulheres. Produzida na cidade do Rio de Janeiro/RJ, pela Editora Menezes, filho & C. Ltda do Rio de Janeiro, de propriedade de Álvaro Menezes - diretor e redator - e Agostinho Menezes - diretor responsável. A revista chega a diferentes regiões do Brasil e segundo o Ibope de 1945 ocupou o primeiro lugar entre as revistas femininas que circulavam naquele momento e segue popular durante a década seguinte.

Dentre os vários periódicos o *Jornal das Moças* se destaca, pois consegue agregar uma variedade de conteúdos que contemplava toda a família, afim de que os novos hábitos comportamentais fossem agregados a vida dos brasileiros. No início de sua circulação na década de 1910 chega ao lar e faz sucesso entre a classe média letrada, inicialmente do Rio de Janeiro, logo depois abarca outras regiões. Durante todo os anos seguintes de suas publicações, o público leitor sempre foi instigado a colaborar com os conteúdos das seções, nos anos iniciais a *Bilhetes Postaes* ganhou destaque, consistia em um espaço de diálogo entre

os próprios assinantes. A seção ganhou tanto o gosto do público que na edição 00076/ de 30 de novembro de 1916, ocupou seis páginas da revista, isso demonstra o alcance e interação entre os consumidores.

Jornal das Moças não se restringiu apenas a classe média letrada da época e de acordo com Pinsky (2014, p. 24) a revista se expandiu entre os diversos públicos, onde “as leitoras de *Jornal das Moças* são donas de casa, estudantes, professoras, funcionárias públicas, balconistas, costureiras, bordadeiras etc., e correspondem a faixas etárias, graus de escolaridade e poder aquisitivo variados”.

As revistas femininas desempenharam importante papel no que se refere a educação feminina já que as mesmas eram de fácil compreensão, trazendo em suas páginas conselhos e dicas para as senhoras e jovens. *Jornal das Moças* circulou em vários meios sociais chegando tanto à mulher da classe média quanto as mulheres comuns. Ambas se espelhavam nas modelos que estampavam as capas e nos conteúdos, pois os mesmos representavam a modernidade que tanto se almejava para o país.

É importante compreendermos que toda produção tem um público-alvo. *Jornal das Moças* chega tanto à mulher do lar, tida como comportada e dócil, como à mulher independente, que não se vê nos padrões comportamentais vigentes. Se por um lado a revista se torna a porta para a desejada modernidade, por outro busca reafirmar a manutenção dos valores da família nuclear. E dessa forma se intitula como “a revista da mulher no lar e na sociedade”, onde a mesma não é pensada apenas para a mulher, como já foi citado, mas para toda a família.

Nossa principal fonte para a pesquisa é a revista, e temos como objeto a coluna *Troças & Traços*, que apresenta ao longo de suas publicações uma identidade para as suas leitoras. Assim, dialogando com Almeida (2008), Del Priore (2020), Dos Santos (2011), Pinsky (2014), dentre outros, que trabalham com a temática. Vale enfatizar que a revista *Jornal das Moças* foi e ainda é fonte de inúmeros trabalhos. A maioria dessas pesquisas se debruçam sobre temas como casamento, moda e beleza. Mas, poucos falam sobre a coluna *Troças & Traços*. O que nos chamou atenção na coluna é o fato da sua permanência ao longo de todas as décadas de publicação, o que já comprova que era bem recebida pelo público leitor. Além disso, a coluna é composta por diversos textos pequenos, são piadas, charges, anedotas permeadas pelo humor e pelo tom sarcástico sobre o mundo feminino.

Há publicados aproximadamente 2422 exemplares da revista entre 1914 a 1961 os quais estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, disponível no site:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Esse número é significativo levando em consideração sua circulação no mercado editorial brasileiro.

A metodologia aplicada na pesquisa foi análise de fonte, discussões de textos e análises bibliográficas. O recorte temporal é a década de 1950 importante período que o Brasil passa por transformações significativas. Essa temporalidade é recorrente nas pesquisas acadêmicas demonstrando sua relevância para a historiografia.

Os famosos *Anos Dourados* possibilitaram muitas transformações, tanto nos hábitos, quanto nos costumes. Dar-se também início a um período de modernização e avanços tecnológicos, assim como culturais e comportamentais, que não deixam de intervir no mundo feminino. É dentro desse contexto que busco problematizar a imagem do feminino nesse periódico e a partir dessas influências vindas, por exemplo, dos Estados Unidos, que agregou à nova forma de pensar os modos de viver das brasileiras e como a revista lidará com essa modernidade, já que os meios de comunicação ganharam uma nova ferramenta: a televisão que começa a ganhar os lares.

A Revista *Jornal das Moças* busca levar a sua leitora de tudo um pouco: Modos, Culinária, Moda, Música, Poesia, Horóscopo, Novela, dentre outros, ou seja, uma revista feminina do início do século XX. A partir das seções da revista analisamos como o gênero é acionado para legitimar um perfil para o feminino, sendo esse formulado a partir das experiências dos sujeitos mediante seus espaços de vivências.

A revista desempenhava um papel de “ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher, que mudava conforme a passagem das décadas” (SILVA e SANTOS, 2013, p. 1). Nesse período do recorte da pesquisa aparecerá uma figura de grande destaque no Brasil - Juscelino Kubitschek com seu plano de metas para a modernização do Brasil, e a partir das transformações ocorridas haverá um debate sobre as representações femininas, do que seria a mulher moderna em meio a tantas inovações vindas de fora do Brasil, isso não só na moda, mas também para o lar, já que surgiram novas tecnologias que contribuíram para uma mudança de comportamentos.

A partir de tais considerações, o presente trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro é intitulado **A REVISTA COMO MEIO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E DIVERSÃO**, que traz uma apresentação da revista, sua estrutura e quais os principais assuntos debatidos em suas colunas/seções; nesse capítulo inicial pretendemos situar o leitor acerca das discursões elencadas por *Jornal das Moças* ao longo dos anos, nesse capítulo nossas referências são as pesquisas de Almeida (2008) e Santos (2011). Apresentamos o

nosso segundo capítulo o qual se intitula **“DESNUDANDO OS JOGOS”: CONTEXTO HISTÓRICO E RELAÇÃO DE GÊNERO NA DÉCADA DE 1950**. Nesse capítulo discutimos sobre o contexto histórico da época, mostrando como essas mudanças transpareceram na revista para que assim formasse um perfil da mulher, e nossas discussões dialogamos com Pinsky (2014), Almeida (2008) dentre outros. Nesse momento abordamos pontos-chaves como contexto social, beleza/consumo e como a revista traz a imagem do homem. E no terceiro capítulo **A TROÇAS & TRAÇOS NO JORNAL DAS MOÇAS**, onde até aqui já conhecemos a revista e como se deu os desdobramentos no período analisado, nesse sentido no terceiro capítulo analisamos algumas imagens e textos da seção *Troças & Traços* e como as mesmas estão imbuídas de um discurso específico acerca do feminino utilizando-se das piadas e do humor para reforçar representações negativas sobre as mulheres, como a de fofoqueira, interesseira e frívola.

2 A REVISTA COMO MEIO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E DIVERSÃO

Neste primeiro capítulo, buscaremos apresentar a revista *Jornal das Moças*, mostrando como a mesma era organizada, quais foram suas principais seções/colunas ao longo dos anos de publicação e como seus conteúdos criam um determinado perfil para o periódico. Mostramos como a revista ganha destaque entre a família e ganha atenção feminina, já que a maioria dos assuntos se volta para a mulher.

2.1 “JORNAL DAS MOÇAS - A REVISTA DE MAIOR PENETRAÇÃO NO LAR”

As revistas femininas foram meio de propagação que possibilitou a aproximação entre consumidores e produtos. A moda, por exemplo, chega ao lar e se populariza com grande rapidez entre os diversos espaços e segmentos sociais. Outro exemplo são os produtos de higiene pessoal que por meio das revistas ganham o interesse de homens e mulheres, fazendo parte do seu cotidiano. A revista variava de 30 a 60 páginas, contendo diversos anúncios e dependendo da propaganda ocupava a página inteira.

Não se tratava apenas de relações de consumo, mas como que essas práticas também revelavam sobre como os sujeitos construía, nesse momento, outras preocupações relacionadas com os cuidados com o corpo, espírito e o lar. Esses artefatos chegam aos consumidores com uma intencionalidade. Abaixo na primeira edição em 21 de maio de 1914 é caracterizado o perfil e objetivos do *Jornal das Moças*. Veremos na sequência a diagramação.

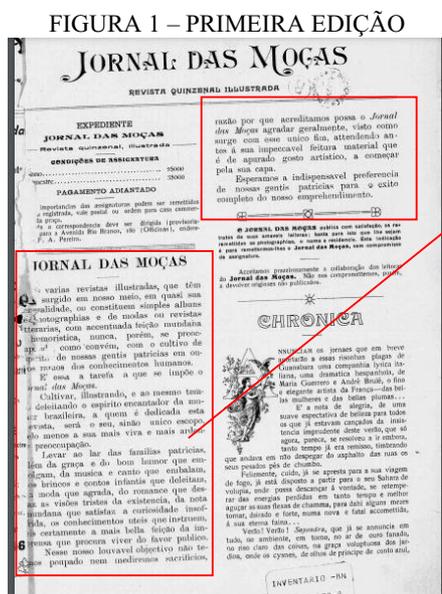
Logo, revistas como "Flor de Liz¹, Era Nova² e Jornal das Moças³" abriram espaço para os chamados *signos do moderno*, onde os indivíduos estariam mudando seus hábitos para

1 *Flor de Liz*, fundada em 1926 por mulheres pertencentes à elite cajazeirense e fazendo parte da A.S.C.F. (Ação Social Católica Feminina). Essas jovens “senhoras e senhorinhas” expressavam na revista formas de ver essa sociedade, colocando seus costumes, vivências e desejos atrelados a um ideal de mulher presente nesse período. (ARAÚJO, 2016, p. 17).

2 Era Nova, veículo de formato editorial inovador que circulou entre os anos de 1921 e 1926. Fato que constituiu a abertura de novos espaços para o gênero feminino que passava a tecer tramas discursivas numa época em que, basicamente, só os homens desfrutavam do prazer de emitir opiniões públicas, assinadas ou não. (Link: <http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/052/era-nova-a-revista-dos-modernos-anos-20-da-parahyba-do-norte/> > Acesso em 25 de Setembro de 2019).

3 *Jornal das Moças* foi um caderno de variedades que abordava assuntos como moda, beleza, culinária e dicas. (ALVES, CAETANO E FREITAS, 2016)

um modo de vida mais urbanizado. Nesse sentido, o Brasil cada vez mais buscava se inserir na modernidade e o Rio de Janeiro, como capital, estaria à frente dessas transformações.



Diagramação Jornal das Moças (21/04/1914)

JORNAL DAS MOÇAS

Várias revistas ilustradas, que têm surgido em nosso meio, em quasi sua [ilegível]ralidade, ou constituem simples albuns de photographias e de modas ou revistas. [ilegível]terarias, com accentuada feição mundana humorística, nunca, porém, se preocupando como convém, com o cultivo de espirito de nossas patricias em outros ramos do conhecimento humanos.

E' essa tarefa a que impõe o Jornal das Moças

Cultivar, illustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espirito encantador da mulher brasileira, a quem é dedicada esta revista, será seu, sinão unico escopo, pelo menos a sua viva e mais ardente preocupação.

Levar ao lar das familias patricias, além da graça e do bom humor que em[ilegível]olgam, da musica e canto que embalam, os brincos e contos infantis que deleitam, a moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência, da nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida, os conhecimentos uteis que instruem, [ilegível]eis certamente a mais bella feição da imprensa que procura viver do favor publico.

Nesse nosso louvavel objetivo não temos poupado nem mediremos sacrificios, razão por que acreditamos possa o Jornal das Moças agradar geralmente, visto como surge com esse unico fim, attendendo antes a sua impeccavel feitura material que é de apurado gosto artistico, a começar pela sua capa.

Esperamos a indispensavel preferéncia de nossas gentis patricias para o exito completo do nosso empreendimento.

Os meios de comunicação exerceram influência nessas mudanças, já que é por meio da imprensa falada e escrita, que a comunidade se informava sobre os fatos locais e mundiais. E dentro desse contexto a revista busca seu diferencial:

Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que em[ilegível]olgam, da música e canto que embalam, os brincos e contos infantis que deleitam, a moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência, da nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida, os conhecimentos uteis que instruem, [ilegível]eis certamente a mais bella feição da imprensa que procura viver do favor publico. (Jornal das Moças, 21 de maio de 1914, p. 6).

É através desses artefatos que o "sentido moderno" vai tomando forma, nesses primeiros momentos do século XX, ganhando uns e incomodando outros, visto que a ordem social estaria sendo comprometida com os ares da modernização. Com a urbanização não vem apenas o crescimento da cidade, soma-se a ela as mudanças nos sujeitos que a compõe. Para Alves, Caetano e Freitas (2016, p.5) há três considerações acerca da urbanização: primeiro que a mesma traz a quebra de costumes na vida de seus cidadãos; o segundo fator são as inovações principalmente para a mulher dentro e fora do lar e pôr fim a mudança no próprio

sistema familiar (relação entre homens e mulheres) já que a família era o “suporte do estado” e instituição inabalável dentro do projeto de nação que se queria para o país.

Buscava-se consumir o que modelos e artistas estavam usando nas capas das revistas, ou seja, a revista ditava e popularizava a moda. Para homens e mulheres um mundo foi sendo construído, uma infinidade de produtos de higiene pessoal e acessórios que influenciavam seus comportamentos. É importante ressaltar que o corpo feminino ganhava destaque cada vez mais, pois a modernidade afetou diretamente o seu mundo.

Os periódicos começam a ser propagados sobretudo entre as senhoras e jovens, mas é importante salientar que as revistas em sua maioria eram produzidas para toda a família, ou seja, o conteúdo era avaliado como seguro para tal público, no entanto não há como negar que o mundo feminino acabou tendo destaque nos periódicos. Mesmo na década de 1950 com a chegada da televisão, as revistas ainda continuaram circulando no país e cada vez mais repletas de atrativos.

O semanário ilustrado *Jornal das Moças* foi uma das inúmeras revistas femininas que circulou no país. Fundada no Rio de Janeiro, entrou no mercado no ano de 1914, circulando até aproximadamente 1964, era uma revista semanal sendo comercializada principalmente nas capitais do país e em alguns estados do interior do Brasil, como Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, Rio grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, entre outros. (ALMEIDA, 2008, p.5). O *Jornal das Moças*, como outros periódicos da época, desenvolveu um papel importante na vida da mulher, pois tais periódicos em sua maioria propagavam conteúdo educativo e de entretenimento tidos como “seguro” para os seus leitores. A revista circulou no Brasil por aproximadamente 51 anos, atravessando momentos importantes na nossa história.

Nos anos de 1950, a imprensa era divulgadora da manutenção de um ideal pré-estabelecido para o feminino, baseado no tripé *mãe-esposa-dona de casa*, este projeto é o mesmo divulgado pelos periódicos no início do século e mesmo com os movimentos feministas se fazendo presentes nas discussões, o conservadorismo ancorado no patriarcado ainda se fazia gritante naquele momento. Segundo Araújo (2016, p.20) “dentro da conjuntura moderna a imprensa torna-se órgão de grande valia enquanto semeador de valores morais, religiosos e políticos” está se fez presente no cotidiano e na vida das pessoas seja através do rádio, jornais, revistas e televisão”.

As revistas femininas desse período foram influenciadas pelas grandes magazines de fora do país que buscavam levar informações diversas em suas colunas, além de uma gama de produtos na maioria de beleza para seus consumidores. Outro fato a ser destacado é a própria

organização do material a ser publicado nos periódicos, na maioria assuntos variados do “mundo feminino”. Segundo Pilla (2014) esse processo de transformação mediado pelas revistas e mais adiante pela televisão faz parte desse ideário de civilidade que se busca construir no final do século XIX e início do XX. Os cidadãos principalmente, acompanham as transformações e a reorganização desses espaços baseando-se no modelo europeu.

Além do próprio conteúdo, percebemos também a relação de poder existente nesses artefatos culturais que são usados como disseminador de um modelo ideal de mulher. Identificamos essa relação a partir da própria escrita das colunas e das imagens que mostram os lugares sociais e as representações dessa “esposa-modelo”.

Os produtos publicados na revista tinham um alto valor, acessível para poucos, isso significa que as revistas eram produzidas e pensadas para um determinado público, porém não se restringiu apenas a este, vindo a alcançar outros espaços. A revista produzida em 1914 não era a mesma da década de 1950, a revista acompanhou as transformações que ocorreram no mercado editorial brasileiro. Mesmo introduzindo novos conteúdos com o passar dos anos, o periódico é caracterizado como tradicional, pois busca manter a moral e valores mantidos pelos discursos conservadores.

Sua produção era realizada pela Editora Menezes, Filho & C. Ltda, onde inicialmente no decorrer das análises, percebemos que a editora muda o nome e passa a ser Editora Jornal das Moças Ltda e esteve em pelo menos seis endereços distintos durante sua comercialização (Avenida Rio Branco, Rua Treze de Maio, Rua da Assembleia, Rua Sete de Setembro, Rua Pedro I e Rua Euclídes da Cunha), em meio à organização do *Jornal das Moças* estava: Álvaro Menezes (diretor e redator) e Agostinho Menezes (diretor e responsável).

Alguns de seus colaboradores: Dr. Werther Leite Ribeiro, Oscar Aguiar, Coronel Waldir de Albuquerque, A. Lemos, Di José Ezagui, Felisberto Noro, Otávio de Almeida, Lourdes Portela, Luiz Goulart, Glyvia A. Galvão, Délio Marcondes, A. tf. Spavièr, Hélio P. de Almeida, Roberto Moura Torres, Carmelito Peredo, João Bandeira e Mário Mascarenhas, dentre outros.

O *Jornal das Moças* não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos, receitas gastronômicas. E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher, o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação. (SOARES e SILVA, 2013, p. 2).

A partir do fragmento, percebemos que o *Jornal das Moças* tinha como objetivo entrar no lar e conquistar toda família, com um conteúdo de fácil compreensão. Essa e outras revistas reafirmaram em suas páginas discursos frutos de uma construção social e as colunas dos periódicos abrangem temas relacionados ao particular.

A moça do início do século XX era a futura dona de casa, estava sob a proteção dos pais, sendo educada para o casamento, ou seja, seria a companheira dócil e prezada nos afazeres domésticos. Esse modelo padrão era determinado pelas instituições, discursos, práticas, códigos e símbolos que são formulados socialmente. A “mulher ideal” buscava nos manuais de comportamento dicas e conselhos que possibilitaram essa normatização das práticas femininas no dia a dia. Apesar das transformações estruturais e comportamentais, nos anos 50 algumas revistas ditas “modernas” como “O Cruzeiro”⁴ ainda reafirmavam esse discurso conservador. Vejamos:

[...] ao mesmo tempo que a revista se intitulava “moderna”, por outro lado reafirmava valores relativos às mulheres e seus papéis construídos socialmente, como as identidades de esposa, mãe e dona de casa, ou seja, papéis e discursos que não condiziam com o caráter dito “moderno” da revista. (MARQUES, 2014, p. 12-13).

Na própria educação das meninas havia desde a infância e adolescência a construção para ser a futura “mulher do lar”. Segundo Albuquerque (2015) na proposta do Plano Nacional de Educação⁵ de 1937, uma de suas seções estabelecia o ensino “doméstico”, no qual as meninas tinham noções de ensino doméstico industrial e ensino doméstico agrícola, e ao final recebiam o “certificado de dona-de-casa”. Esse plano não chegou a ser promulgado, mas serviu de modelo para instituições de educação feminina. Cuidar da casa, dos filhos e do marido e estar sempre pronta para atender as demandas do lar, seria assim a mulher “bela, recatada e do lar”, reforçando o tripé *mãe-esposa-dona de casa*.

Na história acontece permanências e rupturas e quando falamos em história das mulheres não poderia ser diferente. A famosa frase “bela, recatada e do lar” citada acima, remete a um modelo de “mulher perfeita”. Tal discurso reproduzido no século XX tornou chave para entender o modelo de mulher dessa época⁶.

4 O Cruzeiro revista semanal ilustrada, fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928 e foi até 1982.

5 O Plano Nacional de Educação (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional do País.

⁶ Em 2016, a famosa revista brasileira *Veja* na edição de abril traz um artigo intitulado *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*, matéria escrita por Juliana Linhares no qual fala sobre Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer. O artigo provocou polêmicas e críticas nas mídias sociais, pois nele era reafirmado um

Apesar de tantas lutas travadas pelas mulheres até hoje, Mary Del Piore diz que embora o Brasil tenha passado por transformações modernistas ainda assim persiste fortes bases tradicionais que limitam o lugar da mulher ao espaço privado e que a volta de determinado tipo de pensamento é uma forma de reafirmar discursos misóginos e preconceituosos que estabelecem a desigualdade social, racial e de gênero segundo ela “aquele era um Brasil que muitos preferem deixar invisível”, isso chama atenção, pois percebemos que cada vez mais esses discursos conservadores ganham força em nossa sociedade e que o “resquíio da Amélia” está cada vez mais presente em nosso cotidiano.

Para Scott (1995) o conceito de gênero é importante para problematizar como instituições e práticas sociais produzem esses lugares para o feminino e para o masculino perpassando temporalidade. Segundo a autora, o gênero está ancorado em quatro pontos de análise que são: as representações simbólicas, conceitos normativos, representação binária do gênero e a identidade subjetiva. Desta forma, percebemos esses pontos no *Jornal das Moças*, seja nos discursos, seja na forma de criar um espaço dito apropriado para as mulheres.

Mas nem sempre esses padrões eram seguidos, e muitas jovens optavam em não casar deixando de seguir os padrões da época, que eram determinados pelas instituições, e a consequência dessa escolha era a exclusão dos ciclos sociais, seria o preço a pagar por “ser moderna”. Segundo Chortaszko e Moreira (2013) “O termo “mulher moderna” era considerado pejorativo. Ser moderna era estar “a um passo da prostituição”. A mulher moderna era aquela que não sabia viver”. Nesse aspecto alguns discursos objetivavam a disciplinarização dos sujeitos condicionados a seguir determinado padrão, e quem não seguisse era simplesmente deixado à margem e passava a ocupar o posto de “a tia ou solteirona”.

Desta forma, a revista vai desempenhar um papel dicotômico de divulgador do moderno, mas também reafirmando ideias tradicionais. Assim, o conceito de modernidade atrelado a esses artefatos culturais como as revistas, era uma modernidade tutelada, ou seja, os valores tradicionais sobre a família e as mulheres permaneciam praticamente os mesmos, mas, era preciso também acompanhar as novas mudanças sem que as mesmas afetassem a base da família nuclear.

modelo de mulher que não condiz com a realidade dos dias atuais. Muitas mulheres criticaram a matéria pois não se sentiram representadas na descrição da mesma. O conteúdo evidencia que Marcela teria o perfil da “mulher ideal” e que seu marido era um “homem de sorte” por tê-la como esposa, essa manifestação é resquíio de um discurso tradicional que é acionado para legitimar determinado padrão feminino. Site da matéria: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>.

Constatamos essa questão na própria organização das seções do periódico, esses artefatos foram fundamentais para esse projeto civilizatório, no qual a mulher estava em evidência. “Por trás de todo o projeto social, baseado em elementos civilizatórios, havia um projeto maior, preservar a “alma feminina” dos males do mundo. E, através dela, garantir a entrada dos princípios e valores em muitos lares”. (PILLA, 2014, p. 4). Voltemos aqui ao início da discussão onde o objetivo de *Jornal das Moças* é exatamente esse “Cultivar, ilustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espírito encantador da mulher brasileira [...]”.

2.2 QUANTO AO CONTEÚDO DO JORNAL DAS MOÇAS

As relações sociais vão sendo construídas de acordo com o lugar social e esses lugares demonstram quem somos e de quais lugares falamos. Assim, sendo a revista é carregada de intencionalidade, constrói um direcionamento para seu público. No *Jornal das Moças* encontravam-se colunas sobre decoração do lar, receitas culinárias, noções de higiene, dicas de conquista afetiva, felicidade conjugal, manutenção do casamento, moda, poesia, além de fotos da alta sociedade fluminense e matérias com atores internacionais que serviam para construção de modelos que os assinantes eram condicionados a seguir, o que era apresentado na revista era uma espécie de manual para as jovens e mulheres, reforçando o modelo tradicional da família.

A revista também foi um divulgador da moda europeia no Brasil, principalmente a francesa, isso porque era inspirada nos magazines publicados na França. A moda internacional transpareceu no Rio de Janeiro e circulava pelos grandes palácios da elite fluminense, o espaço geográfico e social favorecia como afirma Andrzejewski (2012, p. 4):

O Rio de Janeiro era mais que um espaço geográfico, social e político-administrativo, onde se situava o centro do poder; era também o espaço do imaginário e das diferentes representações sociais sobre o urbano e o modelo social importado dos centros do capitalismo. Era um ideal presente em diferentes discursos, uma cidade imaginada por poetas, escritores, compositores, artistas plásticos, políticos, intelectuais. Tratava-se de uma cidade ideal na produção de uma alternativa de mudança.

O periódico apresenta três slogans que chamam a atenção: *Jornal das Moças é a revista cem por cento da família, Jornal das Moças é a revista das pessoas de bom gosto e*

Jornal das Moças é a revista de maior penetração no lar. Essas três frases demonstram o tipo de discurso propagado, um discurso voltado para o lar (físico) e família.

Como já colocamos, as revistas femininas proporcionavam às suas leitoras uma linguagem simples e agradável, muitas imagens, conteúdo humorístico, culinária, moda e anúncios de produtos de higiene pessoal, procurando sempre agradar seus consumidores. O preço da assinatura inicialmente do *Jornal das Moças* era de aproximadamente CR\$ 3,00, no entanto esse preço tem algumas variações durante os anos que se seguem. Tendo em vista a quantidade de conteúdos abordados, selecionei algumas colunas que merecem destaque no periódico e que nos mostram que o objetivo da revista era informar, entreter e educar, objetivo este que era compartilhado pelas revistas femininas desse período.

Durante o período de 1950 a 1955 as colunas do *Jornal das Moças* sofrem poucas modificações, os conteúdos publicados não atingiam só o público feminino, mas toda a família. As colunas que aparecem com periodicidade nesse período são: Galeria dos Artistas da Tela, Troças e Traços, Jornal da Mulher, Evangelho das Mães, Vamos Preparar os Quitutes, Falando às Mães, o Conto da Semana e Galeria dos Artistas da Rádio. É importante destacar que existe uma variedade de conteúdo na revista, onde no levantamento levei em consideração as colunas que não apresentaram mudanças nesse recorte de 1950 a 1955, e a seguir apresentarei algumas dessas colunas.

Galeria dos artistas da tela, traz em destaque os artistas sobretudo de Hollywood, nesse espaço expõe o que eles estão fazendo tanto na vida profissional quanto na vida pessoal, e que para muitos esses serão referência, já que no Brasil o cinema estava se construindo, e teve seu auge na segunda metade do século XX. Os artistas do cinema, rádio e televisão são inseridos em um padrão midiático considerado signos do moderno e para eles quanto mais perto do público, mais famoso se tornam, divulgando e influenciando comportamentos e opiniões.

Troças e Traços, espaço onde é publicado conteúdo de forma livre, ou seja, nessa coluna podemos identificar temas de cunho conservador, com um tom de comédia em sua escrita, já que a autoria é anônima. Histórias em quadrinho, pequenos contos sobre romance que vem de forma sarcástica, outros ainda com conteúdo filosófico. *Troças & Traços* é acompanhado de ilustrações que ajudam na compreensão dos assuntos abordados.

Jornal da Mulher sob a direção de Yara Sylvia, nessa coluna era mostrado o que seria novidade no mundo feminino, com destaque para a moda (bordados, assessórios, bolsas, vestuário, penteados para cabelo...), tendências para todas as idades, assim também como decoração para o lar moderno, e nesse espaço continha ainda cursos de corte e costura.

Evangelho das Mães e Falando as mães, seção voltada para a maternidade e seu decurso, cuidado com os filhos recém nascidos até a infância. Tendo como colaborador o Dr. Werther Leite Ribeiro, nessa coluna publicavam “artigos sobre cuidado com as crianças, noções de psicologia infantil, educação e também indicações de comportamentos sociais”. (SANTOS, 2013, p.29).

Vamos preparar os quitutes, espaço destinado a culinária, receitas salgadas e doces, com passo a passo, bem detalhada e acompanhada de imagens para facilitar o preparo. Dessa forma a revista acabava influenciando em vários aspectos, desde do que vestir até a alimentação.

Na sequência apresentarei duas capas do *Jornal das Moças* de momentos distintos, o objetivo é perceber a mudança na estética do periódico. FIGURA 2 (1914) e FIGURA 3 (1950) buscando refletir como a estética da revista mudou com o tempo e quais as permanências.

FIGURA 2 - CAPA DE 1914



Jornal das Moças – 21/05/1914 / Nº. 00001

FIGURA 3 – CAPA DE 1950



Imagem 2: Jornal das Moças – 19/01/1950/ N°. 01805.

Figura 2: *Jornal das Moças* ed.00001 publicado em 21 de maio de 1914, a capa da revista era simples com poucos detalhes, custava 400 réis. Em primeiro plano tem-se a imagem meio-corpo de uma mulher vestida de forma comportada com alguns acessórios, a foto realizada em um plano fechado. Nas laterais percebemos rosas com rostos de outras mulheres, a postura da modelo também chama a atenção já que não mostra o corpo inteiro na foto, identificamos ao lado da imagem a seguinte descrição: “*bubertis & bear*” (Rio. Av. Rio Branco 134) que remete a um determinado endereço da cidade do Rio de Janeiro, podendo ser a localização de um ateliê de costura.

Na imagem central da capa da figura 2, a mulher está usando um turbante e um colar de contas. O turbante foi um tipo de acessório propagado nesse período, sobretudo pela influência francesa. Nas primeiras páginas do exemplar é evidenciado o objetivo da revista, o autor ressalta que o *Jornal das Moças* é diferente das demais do mercado, ela se encontrará com o espírito encantador da mulher brasileira, a quem é dedicado cada exemplar.

Figura 3, *Jornal das Moças* ed. 1805, publicada em 19 de janeiro de 1950, na época custando CR\$ 3,00. Traz em destaque uma modelo usando vestido com os braços e parte da perna à mostra, a peça criada por *Hal Madson*, e o molde do vestido estaria disponível no suplemento da revista para reprodução. Percebe-se que é um vestido discreto sem decotes,

propício para senhoras casadas e até mesmo jovens. Não era bem visto o uso de vestimentas decotadas mostrando partes do corpo. As capas desses periódicos são o que chamam a atenção dos leitores, e devem trazer temas que deixem os leitores com vontade de ler o conteúdo que se segue, assim como as imagens devem atrair seu público.

Outro aspecto que chama atenção nas duas edições são as propagandas, as quais tem grande destaque dentro do corpus do periódico, os anúncios são encontrados com frequência nas páginas da revista e a maioria são de uso feminino: maquiagens, lingerie, batons, perfumes, sabonetes, dentre outros. Nas matérias de assuntos específicos (casamento e maternidade) sempre é ressaltado os modos de comportamento que a mulher deve seguir.

Caminhando-se para as últimas páginas da revista tem destaque as famosas novelas como *Paixões Violenta* (Romance de Lorenzo Mare realização de Sandy Lub) e a coluna *O Conto da Semana*. A cada edição um novo capítulo da novela, seria uma forma de instigar o leitor a comprar o periódico acompanhando a narrativa da trama. A última matéria da revista é intitulada *Galeria dos artistas de rádio*, a cada tiragem expõe um artista diferente, falando sobre a vida pessoal e carreira dentro da radiofonia brasileira.

Ao longo dos anos 1950 as revistas femininas tem seu auge, o público feminino e o *Jornal das Moças* fazem parte desse grupo, e é considerada uma revista segura para toda a família e nesse sentido seu público é a família, mas em especial o público feminino ganha destaque, no entanto a revista sempre foi dirigida por homens no qual afirmam que tratar de “assuntos femininos” é uma maneira de valorizar a mulher e suas atividades cotidianas. O periódico tem um posicionamento conservador e defende a manutenção das relações de gênero nos moldes tradicionais. (PINSKY, 2014. p. 35).

2.3 DISCUTINDO GÊNERO NO *JORNAL DAS MOÇAS*

Trazer a categoria de análise gênero para o debate se faz importante para entendermos o diálogo com a nova história a partir de um olhar interdisciplinar e ainda buscar compreender que o feminino e masculino dentro da sociedade vai além do sexo. Porém, essa distinção sexual foi determinante em algumas sociedades para determinar papéis sociais. Os estudos sobre identidade de gênero se baseariam em duas premissas: “sentimento de ser mulher” e “sentimento de ser homem”.

“As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas”. (MALUF; MOTT; NOVAIS, 1998, p. 368). A partir desse trecho buscaremos discutir como ocorreram as mudanças na vida das mulheres e como estão refletidas na revista, vendo como a discussão de gênero perpassa esse debate.

As revistas femininas por exemplo no final do século XIX já desempenhavam o papel de educar e entreter seus leitores, trazendo as novidades do mundo feminino para dentro dos lares. Entretanto havia um limite sobre os conteúdos que circulariam nesse meio, em nome de uma construção social baseada na ordem defendida pelas instituições. Para Rodrigues (2014) o início do século XX é marcado por uma ruptura de estruturas e percepções de mundo que os periódicos femininos apresentavam, as dicas sobre o cuidado com a casa e família. A própria estrutura da revista era envolvida de normas onde os produtos anunciados seriam aqueles que prezava o respeito a estrutura social seguida e que não colocasse em risco essa ordem pré-estabelecida.

Mas, nos anos de 1920 circulou na Paraíba uma revista tida como inovadora tendo em vista os modelos de revista feminina naquele período. A *Era Nova* abrirá um diálogo com as escritoras da alta sociedade paraibana, no entanto devemos refletir sobre quem eram e o que escreviam essas mulheres, tanto nas revistas como nos demais periódicos. O espaço cedido para as jovens escritoras seria para tratar de temas relacionados a vida privada, elas escreviam de acordo com o seu lugar de fala e nesse sentido não deve ser tomado aqui como a única fala das mulheres desse período, já que nem todas compartilhavam dos mesmos meios por distintos motivos, principalmente o nível educacional.

A educação por muito tempo foi tida como privilégio de poucos e se restringia apenas as famílias abastadas que possuíam condições financeiras de manter seus filhos nas grandes capitais do país. Os filhos dos sertanejos com boas condições financeiras saíam de suas casas para estudar em Recife, referência educacional. A maioria homens voltavam para seus redutos após anos de estudos, as principais formações eram na área da medicina, advocacia ou religiosa.

Quando falamos nas filhas desses senhores percebemos que o tratamento era distinto, a educação para elas se restringia a saber ler e escrever e mesmo tendo condições de mantê-las estudando fora, a maioria acabava casando. Poucas tiveram acesso ao ensino superior e a maioria das formações era à docência. O investimento era na educação do homem, à mulher cabia o saber doméstico e raras as vezes se arriscavam no mundo das letras. Nesse sentido as

mulheres que escreviam para a *Era Nova* estavam inseridas nesse pequeno grupo que teve minimamente acesso a uma formação educacional, seja o básico ou superior.

A *Era Nova*⁷ circulou na Paraíba entre os anos de 1921 a 1926, fundada na cidade de Bananeira por Severino Lucena, a mesma abriu espaço para temas como artes, comércio, literatura dentre outros assuntos, a revista agradou, pois, envolviam um público vasto que se viam representados em seus discursos. A mulher deixava de ser apenas a rainha do lar, a ela é atribuído o papel de escritora, mesmo tendo a *Era Nova* maioria de colaboradores homens. A abertura de novos espaços para o feminino possibilitou que elas usufríssem do prazer de estar no espaço público, antes somente permitido aos homens. Mesmo em menor quantidade a mulher se fez presente naquele periódico, essa “atitude moderna” é característica das primeiras décadas do século XX e marcante para a mulher paraibana.

A revista tinha um caráter literário e noticioso apresentando os modos de ser e viver na *Parahyba* do Norte nos anos 1920. Segundo Rodrigues (2013) a revista tinha a proposta de inaugurar um novo momento nos círculos literários e intelectuais paraibanos, o próprio nome do periódico já indica seu objetivo, levar aos seus consumidores uma era nova traduzidas por meio sobretudo das artes e letras.

A questão do gênero emerge na revista como algo binário, mostrando qual seriam os lugares de gênero que de certa forma eram impostos nos periódicos, principalmente nas primeiras revistas femininas. O homem estaria superior à mulher e ela por sua vez estaria a sua sombra. Mas, por outro lado devemos analisar o contexto em que se encontram essas mulheres e esses homens. Na década de 1950 homens e mulheres tinham seus papéis marcados levando em consideração o que era estabelecido pelas instituições, tanto médicas como religiosas, essas instituições de controle social como a Igreja desenvolveram a função de vigilância nesses corpos.

Assim os periódicos são de extrema significância para entendermos a historicidade daquele momento. Estudar um periódico é revirar o passado percebendo assim as mudanças ocorridas em determinada sociedade, esse é um ponto que identificamos nas revistas femininas, elas nos apresentam os modos e modas vividos pelos sujeitos desse contexto, essa fonte nos abre um leque de possibilidades para se trabalhar temas como: vestuários, comida, leituras, até questões mais complexas como a discussão das relações de gênero.

⁷<http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/052/era-nova-a-revista-dos-modernos-anos-20-da-parahyba-do-norte/>

Em Louro (1997) podemos entender como essas relações sociais são construídas e perceber que se constitui a partir de um conjunto de práticas, assim ela traz:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe. (LOURO 1997, p. 15).

No texto a *Emergência do Gênero* (LOURO, 1997) mostra como esse lugar do feminino e do masculino são construídos socialmente, desde dos fatores biológicos em que a mulher é uma extensão do homem e esta é naturalmente dependente do companheiro, até os movimentos de luta em que as mulheres saem em marcha para lutar por direitos iguais entre os sexos, todos esses aspectos fazem parte de discursos que geram símbolos e representações, que por sua vez se perpetuam na sociedade pelos mais diferentes veículos, entre eles os meios de comunicação. Nesse sentido, o gênero é imposto ao sujeito antes mesmo do nascimento, é dado papéis de masculino e feminino baseados em construções sociais já existentes.

Portanto, as revistas foram um importante veículo na propagação desse ideário feminino de mulher perfeita, esse modelo que é compartilhado não só pelo *Jornal das Moças*, como também por várias revistas femininas desse período, que mostravam em suas páginas o que era o politicamente correto para a mulher do momento. Percebemos assim que esses periódicos eram meios de diversão, informação e entretenimento.

A revista foi vista por muitos como um manual de instrução, tanto para as jovens solteiras quanto para as senhoras casadas. Para as solteiras os conselhos e dicas de como ter um bom casamento, já para as casadas dicas de como manter. Segundo Bassanezi (2005, p. 112) o período que vai de 1945-1964 as revistas foram fonte de informação e referência para as mulheres, [...] penetram no espaço doméstico e procuram atuar como guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação. Porém são também através dos periódicos que podemos compreender o contexto em que esses consumidores estão inseridos e de onde falam.

A partir da mídia podemos entender as mudanças que ocorre na sociedade, a cada edição novas informações são apresentadas e novas possibilidades de análise são visualizadas. Na obra *SOBREVIVENTES E GUERREIRAS: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*, a historiadora Mary Del Priore discute sobre a história das mulheres e como as mesmas resistiram ao longo de todo o processo de formação da identidade feminina. A cada

capítulo podemos refletir sobre questões pontuais e significantes como patriarcado e voto feminino por exemplo.

Durante as análises em *Jornal das Moças*, a matéria *O Feminismo* na edição de 25 de janeiro de 1917, chama atenção já pelo título. Trata-se de um texto sobre o movimento feminista e a instauração do voto feminino no Brasil, a matéria é assinada com pseudônimo A.C.C., nesse caso não sabemos se tratava de um homem ou mulher a autoria. O principal assunto do texto é a fala em torno do direito à liberdade feminina e os avanços práticos acerca do voto feminino no país. Durante a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, as mulheres desenvolveram papel importante na ausência dos companheiros, esse fato ganha destaque na matéria: *A experiência e os factos têm demonstrado o quanto é dedicada a mulher na actividade, e na actual guerra ellas prestam relevantissimos serviços substituindo o homem, que segue para as linhas de batalha*. Em linhas gerais essa discussão já em 1917 em uma revista feminina é de se considerar um avanço para o movimento, pois teria grande alcance.

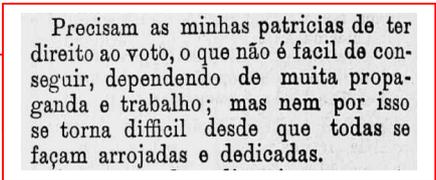
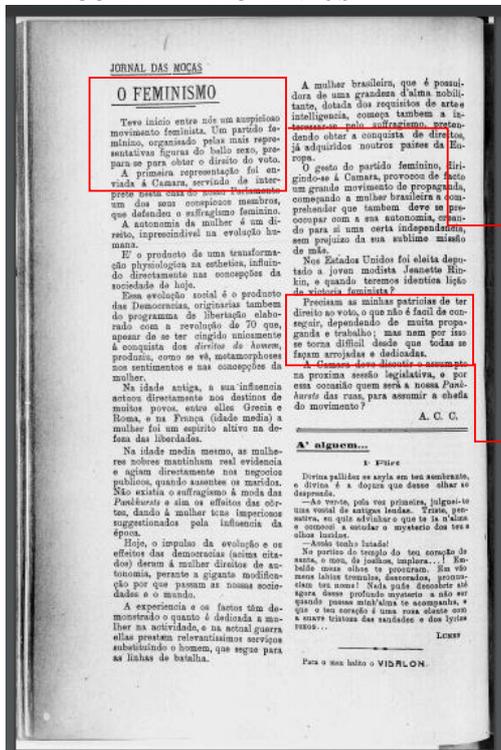
Ao final do texto relata-se sobre a repercussão do assunto na câmara legislativa, cujos resultados desse debate só viriam 18 anos mais tarde, quando finalmente a mulher teria direito a votar e ser votada. Segundo Del Priore o processo acerca do voto feminino no Brasil tem como principal influência os Estados Unidos, se as mulheres votavam lá, aqui também era possível e ela segue:

O voto feminino era um movimento de classe média por direitos políticos, por uma reforma que garantisse o voto às mulheres que alcançassem as mesmas qualificações que os homens. Nunca foi uma tentativa de revolucionar o papel da mulher na sociedade ou mesmo de revolucionar a própria sociedade [...] (Del Priore, 2020, p. 152).

Os fragmentos chamam atenção pois falam do PFB (Partido Feminino Brasileiro) que havia sido criado em 1910 e desde do início de sua criação saiu em defesa das mulheres. Em 1917 essa discussão está nas ruas e nas páginas do *Jornal das Moças* pode ser considerado uma vitória para o movimento, pois abrange um público maior. Ao longo de todo texto o discurso convoca “as patricias” para o movimento a favor do voto feminino e reafirma seu posicionamento. As mobilizações que ocorreram em 1917 buscavam garantir direitos as minorias, voto feminino e espaço na política estava entre as bandeiras.

Seguem abaixo a matéria e alguns fragmentos que merecem ênfase:

FIGURA 4 - FRAGMENTOS



Diagramação: Jornal das Moças, Nº 00084 de 25/01/1917

3 “DESNUDANDO OS JOGOS”: CONTEXTO HISTÓRICO E RELAÇÃO DE GÊNERO NA DÉCADA DE 1950

Após apresentarmos a revista, quanto a suas principais colunas e conteúdo. Neste segundo capítulo, iremos discutir sobre o contexto histórico da década de 1950 e como esse período transparece no *Jornal das Moças*, para isso buscaremos analisar anúncios que vão de encontro com um projeto específico para o feminino e para concluirmos buscaremos dialogar sobre a imagem dos homens no periódico.

3.1 JORNAL DAS MOÇAS E OS ANOS 1950

Após conhecermos a estrutura do *Jornal das Moças* e um pouco sobre os seus fundadores, embarcaremos agora em uma viagem que nos levará de volta aos anos de 1950. O imaginário da época se volta para um idealismo mascarado pelo real sentido de desenvolvimentismo e como ressalta Pinsky (2014) “O *american way of life* torna-se modelo invejável entre as classes médias brasileira. Hollywood inspira comportamentos e valores, especialmente entre os jovens”. Diante das leituras sobre o período constatamos que esse momento “áureo” é muitas vezes lembrado como transformador em todas as dimensões, porém a liberdade que envolve essa época não foi suficiente para mudanças radicais. Mas não há dúvida que os anos 50 são tempos de repensar as formas de ser e agir no mundo, e esse sentimento é compartilhado por muitas nações após a Segunda Guerra Mundial.

O mundo pós guerra vive um clima de otimismo que toma conta da mentalidade brasileira, as pessoas veem o país caminhando para a tão sonhada modernidade, acompanhada de um estilo de vida baseado nos grandes centros urbanos, este período é considerado próspero na nossa história. Os jornais, revistas, rádio, cinema e a televisão serviram de orientadores, pois estavam presentes no cotidiano de uma boa parcela da sociedade e tudo que os mesmos vinculassem tinham forte impacto na vida privada. Muitas revistas femininas dessa época se espelhavam nas revistas norte-americanas e o estilo de vida propagado era uma espécie de guia para a mulher moderna.

8 *American way of life* é o estilo de vida americano que foi propagado a partir do período entre guerras e se fortaleceu após a Guerra Fria (Google, 6 de ago. de 2019).

O período que vai da década de 1940 à 1960 é marcado pelo *novo*, que permeiam tanto as práticas como os costumes. As informações chegam por diversos meios como revistas, cinema, rádio e TV, e a popularização desses meios acontece de forma gradativa na medida em que a “indústria de bens ligados à mulher e a casa” crescem no mercado brasileiro. Os avanços no campo industrial e uma crescente urbanização, impulsionados pelo plano desenvolvimentista, objetivava conduzir o Brasil ao grupo dos países desenvolvidos e para isso a interferência externa se fez necessária e “o ideal do moderno” se traduz na imagem do “burguês democrata”.

Assim, alguns espaços de produção, como o cinema, ganham legitimidade e embora “[...] divulgue um modelo tradicional de esposa, também traz imagens de países estrangeiros (EUA, França, Itália etc.) em que a participação feminina no mercado de trabalho é vista com maior naturalidade”. (PINSKY, 2014. p. 178). Mesmo que só uma parte da população tenha tido acesso ao cinema, não se pode negar a sua importância, a em que algumas mulheres aparecem trabalhando fora de casa e com certa independência.

Pinsky afirma que embora a classe média brasileira compartilhasse de valores tradicionais onde o lugar da mulher seria no espaço privado, aos poucos essa realidade foi tomando nova roupagem e o *trabalhar fora* vai sendo revisto, tendo em vista os novos padrões de consumo e a “modernidade” que o país passa naquele momento.

Vale salientar que as mulheres pertencentes as classes menos favorecidas já trabalhavam muito antes da década de 1950 e que por isso, não eram vistas como mulheres confiáveis ou de boa família. Boa parte dessa mão de obra era empregada em atividades domésticas, mas com o cenário das fábricas isso vai mudando, segundo Weinstein (1995, p. 145) em um estudo realizado em São Paulo com 31 fiações em 1912, 72% do pessoal era feminino. Essas mulheres, recebiam salários bem inferiores comparado aos homens, além de sofrerem constantes agressões, segundo Rago (2011, p. 484) “diversas vezes artigos de jornais operários denunciavam investidas sexuais de contramestres e patrões sobre as operárias que se revoltassem contra as humilhações que essas sofriam no trabalho”.

Como na coluna *Pausa para Meditação*, que analisava um drama relacionado a vida de algum indivíduo, nesse trecho o autor da coluna analisa a fala de uma jovem sobre o assédio que passava no local de trabalho:

Esta, senhores, foi a segunda investida que fizeram contra a minha dignidade de moça pobre, mas que aprendeu a conservar a honra acima de tudo [...] tenho procurado me defender, ser forte na luta para ganhar o sustento e conservar, segundo o último desejo de minha mãe minha alma pura, isenta de pecados (JORNAL DAS MOÇAS, 1950, p. 17)

A coluna apresenta a jovem como uma moça pobre, que sem recursos só lhe resta trabalhar, mas que sua beleza chama a atenção dos homens, o que torna o espaço do trabalho perigoso, mas ela lutaria para manter a honra. Segue o conselho e análise da revista:

Não é sem razão que ainda existe muito pai de família que recusa autorização às filhas para que trabalhem fora, e muito mais zeloso por sua esposa, que não concorda em dar-lhe licença para se empregar. Quando o mundo abre as suas portas douradas da mais desregrada corrupção oferecendo na carnadura rubra de uns lábios de mulher a vertigem do prazer fácil, rápido, inconsequente, será preciso muita fibra para trocar essas deliciosas facilidades pela renúncia dos prazeres e pela observância restrita dos preceitos da lei de Deus. Por isso, você tem encontrado sátiros. Até agora você tem se revelado verdadeira heroína, defendendo, por todas as maneiras, a sua integridade moral. Portas honestas se abrirão para que você possa trabalhar sem receios...sem atentados indignos contra sua dignidade de mulher. (JORNAL DAS MOÇAS, 1950, p. 58).

Interessante observar que o autor ou autora da coluna responsabiliza os costumes da época, como a facilidade pela busca do prazer, e não os discursos que autorizavam os homens a agir dessa maneira. E ainda reforça que são esses motivos que impedem os pais de autorizarem as filhas ou esposas a trabalharem fora. No entanto, a revista reforça em outros espaços de suas páginas a naturalidade que o homem tem em trair, manter casos fora do casamento e se sentirem atraídos por outras mulheres, como analisou Pinsky (2014, p. 310) em teste, sendo aplicado no *Jornal das Moças* na publicação de Nº 01922 de 17 de Abril de 1952.

Teste de Bom Senso:

Suponhamos que você venha a saber que seu marido a engana, mas tudo não passa de uma aventura banal, como há tantas na vida dos homens. Que faria você?

- 1-Uma violenta cena de ciúme?
- 2-Fingiria ignorar tudo e esmerar-se-ia no cuidado pessoal para atraí-lo?
- 3-Deixaria a casa imediatamente?

Resposta:

A primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso se arrisca a perder o marido, que, após uma dessas pequenas infidelidades, volta mais carinhoso e com um certo remorso.

A segunda resposta é a mais acertada. Com isso atrairia novamente o seu marido e tudo se solucionaria inteligentemente.

A terceira é a mais insensata. Qual mulher inteligente deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade, portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância.

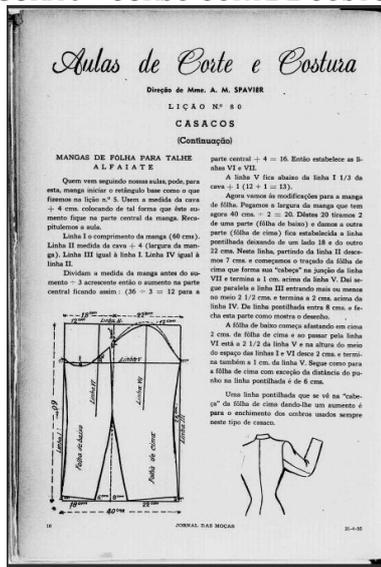
Percebemos assim, a naturalização de determinados comportamentos masculinos, ou seja, os homens eram assim, e não seria possível fazer nada contra isso, a não ser aceitar.

Nesse período começam a surgir os primeiros movimentos feministas, unindo-se aos movimentos operários. As anarquistas e socialistas procuravam organizar as trabalhadoras nas primeiras décadas do século, convocando-as para assembleias sindicais ou para discutir problemas femininos dentro dos sindicatos e comitês que pertenciam. (RAGO, 2011, p.594). Mas, até mesmo o movimento de classe, representado pela maioria masculina negou esse espaço de atuação das mulheres. Não era incomum nessa época os discursos de médicos higienistas, juristas e jornalistas que associavam a fábrica a um bordel, um lugar de perdição.

Na década de 1950, ao analisar as publicações do SESI em São Paulo, Weinstein (1995, p.156) percebe os diversos cursos para mulheres da classe operária em Centros de Aprendizado Doméstico (CAD); segundo a autora até 1954, existiam vinte e cinco centros em todo o Estado, sete na capital e o restante nos subúrbios e no interior. “Os centros ofereciam regularmente três cursos de culinária, em diferentes níveis, bem como cursos de puericultura, administração do lar, higiene doméstica e preparação para o casamento”. Os cursos de costura, antes proferidos somente nas fábricas ou sindicatos, funcionavam agora em muitos desses centros. A autora reforça ainda que com base nesses cursos e nas publicações da época, a mulher da classe operária era mãe e esposa acima de tudo. Por isso, algumas revistas femininas ao falar do trabalho feminino indicavam como possibilidade menos danosa o trabalho no próprio lar, como a costura e os bordados.

Anúncios de instrumentos, técnicas de trabalho e estudo não faltavam nas páginas dos periódicos femininos. Um dos exemplos são as máquinas de costura ELNA, elas chegam ao mercado brasileiro e fazem sucesso, sendo vendidas em várias regiões do país. Seria um privilégio ter uma, e a mulher que desejasse contribuir na renda familiar deveria trabalhar em casa em trabalhos que não requeressem tanto esforço físico, já que por natureza a mulher seria mais sensível. Destaco aqui os cursos de corte e costura no *Jornal das Moças*, onde essas técnicas auxiliavam as alunas a construírem suas primeiras produções.

FIGURA 5 – CURSO CORTE E COSTURA



Jornal das Moças (21/04/1955)

No anúncio a seguir da edição de 04/01/1951 é possível identificar como o discurso estava presente no texto, o anunciante ressalta a felicidade da mulher que fosse surpreendida com uma ELNA, como se a felicidade tivesse um preço. Acompanhada do texto está a imagem que reforça o discurso de manutenção dos valores morais, já que a mãe pode trabalhar e cuidar dos filhos e ainda passar a sua experiência para a filha.

FIGURA 6 – ANÚNCIO ELNA

Milhares de donas de casa no mundo inteiro, invejam a ELNA. Não será a melhor prova da qualidade de nossa máquina de costura? Já pensou em sua esposa, este Natal? Ofereça uma ELNA o presente que ela espera de Papai Noel.



Diagramação Jornal das Moças, Nº 01855 de 04/01/1951

Para Oliveira ao analisar a mulher nos anúncios nas décadas de 1950 e 1960, mesmo que de forma lenta, era notável o reconhecimento das mulheres que já trabalhavam fora, como já elencamos, as menos favorecidas já exerciam essa função, mas agora os olhares e preocupações se voltam principalmente para as mulheres de classe média. Como na entrevista de uma escritora premiada, Sra. Nanci Navarro de Carvalho, à seção feminina de *O Globo* em 08 de maio de 1958:

Apesar de ter a experiência do trabalho, identificava como papel feminino: (...) a meu ver (...) a mulher casada pertence ao seu lar, à família e aos filhos, mas isto não impede certas atividades. Já fui funcionária durante muitos anos do Ministério da Agricultura e deixei de trabalhar para cuidar de meus filhos. A mulher em casa é mais útil. (Oliveira, 2015, p. 6).

Ainda para a autora (2015, p. 6), ao analisar as colunas de conselho do jornal *O Globo*, era comum o conselho para conciliar as funções fora e dentro do lar, ela narra que “se você pertence ao número de mulheres que precisam trabalhar fora para auxiliar o equilíbrio do orçamento doméstico, procure fazê-lo de maneira tal que o seu matrimônio e a sua família (...) não venham a sofrer por esta razão”.

Ao mesmo tempo em que revistas e jornais estão enfatizando a importância da mulher no lar e como o trabalho não pode ser mais importante do que as funções de mãe e esposa, também vinculam em suas páginas produtos que facilitariam o cotidiano dessas mulheres para que sobrasse tempo para os cuidados da casa e do trabalho. O que nos leva a analisar que essa passagem, embora não muito clara, era progressiva.

Embora o trabalho fora do lar estivesse sendo consolidado, algumas revistas femininas buscavam argumentos para irem contra, levando em consideração a condição natural feminina, e suas preocupações seriam com os filhos e marido. Entretanto, a partir da segunda metade da década de 50 o trabalho feminino se torna uma realidade. No entanto as oportunidades de emprego para as mulheres e homens eram distintas. Ainda segundo Pinsky (2014, p.184) nesse período publicaram-se artigos que levavam em consideração as “questões de saúde” e “personalidade” para a atuação feminina no mercado de trabalho.

3.2 “A MODERNIDADE DITA SUAS REGRAS”: BELEZA E CONSUMO NO JM

O discurso para a mulher nas revistas femininas estava ancorado no tripé *Mãe-Esposa-Dona de Casa*. Esse discurso é reflexo do contexto histórico do período e os meios de comunicação reforçavam o pensamento vigente na sociedade, onde o lugar da mulher seria no lar. Em *Jornal das Moças* a imagem da mulher era idealizada a partir do discurso de valores presente na época, a mulher desde criança seria educada e condicionada para o matrimônio e maternidade, ou seja, casar e cuidar do seu lar.

Os periódicos voltados para o feminino defendiam um padrão que ia de encontro com os valores morais existentes. “Essa educação deveria ser voltada para uma formação “compatível com a função de dona de casa, de mãe responsável pela condução espiritual dos membros do lar e a manutenção das gerações vindouras”. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 03). As revistas desenvolveram o papel de conselheira, amiga e confidente na vida da mulher. Na política, o governo pós guerra quer a volta da mulher ao lar e as instituições buscam legitimar os papéis de gênero, assim as propagandas vão de encontro a esse projeto.

A busca pelo ideal é refletida em revistas como *Jornal das Moças*, *Querida*, *Claudia*, dentre outras, que por meio de seus conteúdos traçam a mulher perfeita. Na dissertação “*A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão: a representação da mulher nas colunas da revista Jornal das Moças (1930-1945)*”, Albuquerque destaca:

Elas eram formadas para criarem filhos que seriam, se mulheres, para os mesmos propósitos que suas mães, ou seja, donas de casa e, se homens, o chefe da família, o sustento financeiro para o lar, o proprietário e senhor dos membros de sua família [...] (ALBUQUERQUE, 2016. p. 119).

Para muitas mulheres as revistas foram fontes de informação, diversão e educação, principalmente para as mulheres da classe média urbana que viam nos periódicos a porta de entrada para esse mundo moderno. A revista apresentava as tendências norte-americanas desde do cinema até propagandas de produtos de beleza, contudo a mensagem principal para a mulher no período entre 1930 a 1945 é baseada nesse projeto descrito no trecho acima. Por outro lado, as mulheres que não se enquadrassem nesse perfil eram criticadas, julgadas e enquadradas em estereótipos como “jovem rebelde”, “leviana” ou da “outra”. Quanto a liberdade, a vida pública sempre esteve atrelada ao universo masculino.

Dentre a variedade de propagandas presente na revista, o anúncio do creme *Brilhante* na edição de 15 de maio de 1952 chamou atenção. O texto “**A BELEZA É OBRIGAÇÃO**” impõe à mulher o dever de estar sempre bela, “a mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade”. Esse trecho nos faz pensar sobre o contexto histórico da época, nos anos de 1950 é marcado pelo consumismo, e que a indústria da beleza se expande entre os diversos meios de comunicação, se popularizando entre as mulheres das classes alta, média e baixa. O produto em questão promete ajudar na prevenção de manchas e ressalta que “depois de aplicar este creme observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista”.

O universo feminino é envolvido por uma série de representações e algumas revistas femininas como *Jornal das Moças* se apropriaram do discurso vigente para se consolidar como periódico seguro para toda a família. As revistas que se enquadravam nessa categoria entretinham seus leitores com piadas, palavras-cruzadas, moda e horóscopos, porém na maioria de suas páginas haviam conteúdos que possibilitavam educar a mulher, assim como afirma Albuquerque:

A revista *Jornal das Moças* propunha espaço com colunas acerca dos direitos da mulher, sobretudo os políticos, no entanto, os artigos demonstravam um posicionamento conservador no que tange aos limites de participação dessa mulher e, propunha educação a essa leitora, mas que não confrontasse com os interesses da família, estar à frente do homem, na rua, em posição de igualdade [...]. (ALBUQUERQUE, p. 48, 2016).

Essa busca pelo ideal feminino é uma forma de reafirmação do conservadorismo presente naquele momento, porém ao longo dos anos de 1960 haverá mudanças significativas, mediante os movimentos feministas que vinham acontecendo desde da década de 1920.

O casamento nos anos de 1950 tem o marido como o principal agente da relação, no qual a mulher buscava sempre atender seus desejos para que assim possuíssem um casamento harmonioso, a mesma tem conhecimento do significado de “está casada” sua condição de esposa exige dela comportamento de mulher casada, ou seja, suas obrigações primeiramente com o esposo e em seguida com os filhos. A felicidade pessoal da mulher não seria questionada se o lar estivesse feliz, sua felicidade é a do marido e filhos. Se o casamento não vai bem a culpa recairia sobre a ela.

identificado nos contos das revistas, revelando que o patriarcado permanecia presente e que o lugar da mulher estava reservado ao espaço privado.

As propagandas nas revistas femininas possibilitam uma análise interessante sobre o público assinante do periódico, e os anúncios constroem o perfil de mulher desejada. Santos (2011) cria algumas categorias acerca das publicidades dos produtos na revista, são elas: beleza, atividades domésticas, setor médico-higiênico, alimentação, serviços, lazer e outros. Outro fator importante quando se analisa a imprensa feminina é a democratização da moda, na medida em que os moldes de vestuários usados pela elite eram publicados nas revistas, influenciavam não só o vestir, mas comportamentos de seus receptores. Segundo Albuquerque (2016) o vestuário classifica, sinaliza e indica os indivíduos em suas particularidades.

A mulher por muito tempo foi vista como passiva, dócil e dependente, mas com o passar do tempo cria-se outras representações acerca do feminino, não se pode englobar todas as mulheres em um só grupo, pois as formas de pensar e agir são distintas e o lugar de onde vem reflete na vida das mesmas e as oportunidades não são iguais. Então, quando falamos aqui em “mulher consumista”, estamos nos referindo a um grupo financeiramente privilegiado que não media esforços em ter tudo ou boa parte dos produtos que as revistas anunciavam.

Um mundo foi sendo criado para a mulher e segundo Almeida (2008, p. 202) “A fabricação de cosméticos, fortemente intensificada nas primeiras décadas do século XX, oferecia dispositivos de embelezamento, e a cena publicitária tratava de fazer acompanhar esses produtos de sonhos e ilusões sobre desejos socialmente alimentados”.

Os Anos Dourados são uma época que remete ao estilo de vida consumista entre homens e mulheres. A mulher enquanto consumidora, as propagandas para o lar e beleza ganham as páginas das revistas buscando assim criar um perfil. A força da indústria cosmética e a popularização da moda por meio das revistas, onde as estrelas do cinema estampavam as capas, assim a revista servia como referência acerca dos padrões impostos.

A indústria de bens pessoais cresce e as páginas das revistas ficam recheadas de produtos para o cabelo, corpo e pele. As propagandas vão além do bem-estar, a mulher procura chegar ao belo com os melhores produtos. As revistas femininas como *Jornal das Moças* são meios de divulgações de vários produtos de beleza, tanto para mulheres quanto para os homens.

O corpo tornou-se um “corpo-produto” que deve atender às exigências do mercado de acordo com o desejo do consumidor. O produto cada vez mais é transformado em objeto de desejo inserido no universo do consumo. Assim como os objetos de consumo são customizados, o corpo também atende ao interesse do dono. O corpo

precisa ser belo, se possível perfeito, e precisa estar de acordo com as exigências que a moda impõe às mulheres. (CALEIRO; GUSMÃO, 2012, p. 06).

É interessante pensarmos no peso que a mídia tem sobre nossos corpos, e não é de hoje que a mídia cria referências para seus consumidores e tudo que é propagado carrega uma intencionalidade que legitima o modo de ser e agir. Em *Jornal das Moças* os anúncios são variados, alguns produtos anunciados como os produtos de higiene pessoal (sabonete *Dorly*, absorvente *Modess*, escovas de dente *Tek*, *Loção Juvenia*, *Leite de colônia*, *Champú Halo*, creme dental *Lever*, *Kolynos*), maquiagem (Pó de arroz *Royal Briar*, batom *Zande*), medicação *Caftaspirina*), ganharam os lares brasileiros tanto pela sua funcionalidade como uma forma de demarcar lugares. As propagandas conduziam a formação de um perfil social pensado para àquelas mulheres.

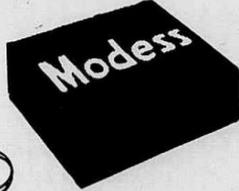
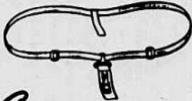
O anúncio a seguir é um item da higiene íntima feminina, o absorvente. Seus anúncios são recorrentes no qual faz-nos acreditar que tenha várias adeptas. A marca *Modess* é pioneira no país a desenvolver absorventes descartáveis, vindo desde os anos 1930 a ganhar atenção por sua funcionalidade. No texto é ressaltado as vantagens do produto e a facilidade de descarte, já que dispensa a lavagem, configurando um produto do cotidiano da mulher moderna “*a proteção higiênica da mulher moderna*”. Além dos absorventes havia também o *Cinto Modess*, que é um suporte que auxiliava e proporcionava a mulher mais conforto, facilitava a fixação das toalhinhas que já eram comercializadas em farmácias.

Dessa época em diante cada vez mais a indústria de higiene íntima se desenvolveu, além dos absorventes tradicionais existe hoje os absorventes reutilizáveis, protetores diários, sabonetes para a região íntima, dentre outros, sempre buscando conforto para a mulher.⁹ *Modess* revolucionou a higiene íntima da mulher naquele período e ao mesmo tempo pode ser considerado artigo de luxo, já que nem todas as mulheres tinham acesso ao produto.

⁹ Esse fato nos leva a pensar sobre um tema recorrente nos últimos anos, a “Pobreza Menstrual”. Esse termo faz referência a um grande número de mulheres que não tem acesso a produtos básicos de higiene, principalmente no período menstrual, isso não só no Brasil como em outras nações. Essa temática é extremamente relevante e assunto de várias rodas de debate, sobretudo entre organizações em defesa da mulher. Segundo o “ESTADÃO”, 26%⁹ das mulheres brasileiras são afetadas com esse problema e no período de pandemia esse fato se agravou, evidenciando que esse produto é considerado “artigo de luxo” para muitas mulheres.

FIGURA 8 - MODESS

Goze a liberdade que jamais pensou alcançar.
Aproveite as vantagens de Modess,
 a proteção higiênica da mulher moderna.
É completamente invisível. Fantásticamente
 absorvente. Leve como uma pluma.
Incrivelmente confortável. Absolutamente seguro:
 Nada para lavar — é usado
 uma só vez. E... custa
 tão pouco! Ao comprar
 basta dizer Modess!

P.S. - Para conforto ainda maior, use o Cinto Modess

18 JORNAL DAS MOÇAS

Jornal das Moças, Nº 02071 de 24/02/1955

A seguir destacamos o anúncio *LOÇÃO JUVENIA*, que se trata de um produto para os cabelos que fez sucesso nos anos de 1950, onde a preocupação com a estética não era somente por parte das mulheres, mas os homens também se mostravam vaidosos e preocupados com a aparência. A beleza no anúncio é atrelada a juventude e nos dias atuais percebemos como as pessoas buscam tardar o envelhecimento recorrendo a procedimentos estéticos das mais variadas formas. A busca pela juventude permanente acaba criando “Escravos da Beleza” que assim como os consumidores da *Loção Juvenia* não querem envelhecer. Várias propagandas nesse estilo são anunciadas nas revistas femininas, criando padrões estéticos que se modificam de acordo com o passar dos anos e mediante as mudanças ocorridas na sociedade.

A variedade de conteúdo é uma característica das revistas femininas da época, para além das propagandas a mesma disciplina conduz seus leitores com contos, dicas e conteúdo que traduz em palavras os discursos vigentes na época, demarcando assim as relações de poder dentro de um jogo de consumismo que é a indústria do bem-estar. A imprensa, enquanto fonte, faz evidenciar rastros da vida cotidiana, dos lugares e das situações sócio-histórica-econômica, e por meio dessas análises o pesquisador consegue demarcar perfis e identificar padrões propagados.

FIGURA 9 – PROPAGANDA LOÇÃO JUVENIA

LOÇÃO JUVENIA
Suavemente perfumada

Não envelheça nem mais um minuto. Agora mesmo vá buscar nova juventude para seus cabelos, comprando já o SEU vidro de LOÇÃO JUVENIA, também poderoso removedor da caspa”.

Não é era tintura não contém nitratos. É de fato ... O RESTAURADOR DOS CABELOS

Diagramação Jornal das Moças, Nº 01926 de 15/05/1952

No início de suas publicações, o *Jornal das Moças* tem a preocupação intelectual com seu público feminino, mas também com a intenção de manter os valores tradicionais para a mulher. Contos, sonetos, poemas e romances sempre estiveram presente na revista, e ao ler esse material a leitora adentrava nesse mundo literário, fazendo daquelas narrativas, as suas. A revista consegue suprir o que chamamos de “necessidades femininas”, que em outras palavras significa que, tudo que se procurasse poderia ser encontrado entre as páginas do periódico.

O destino de homens e mulheres sendo traçado, delineado desde o ventre materno, a partir de construções culturais que evidenciam preconceitos, proliferam uma hierarquização de gêneros já estabelecida, de representações que evidenciam uma supremacia masculina e uma submissão da mulher ao homem, muitas vezes, acredita-se, inconsciente, naturalizada e que demarca os corpos mútuos e os espaços de cada um. (ALBUQUERQUE, p. 124, 2016).

Para as moças solteiras existia conselhos e dicas de conquistas, o que ler, vestir e como se embelezar. Já para as casadas, tínhamos os cuidados com a família, a manutenção do casamento e os cuidados com lar, ressaltando que toda essa descrição é característica de um perfil culturalmente propagado ao longo da história, tanto para a mulher quanto para o homem. As construções culturais tem forte impacto na vida das pessoas e com os estudos de

gêneros as desconstruções vão acontecendo, fazendo com que essas construções vigentes sejam ressignificadas.

3.3 E OS HOMENS? O QUE DIZ O JORNAL DAS MOÇAS SOBRE ELES?

Analizamos até aqui o que o *Jornal das Moças* fala sobre as mulheres, mas e os homens? Sabemos que a construção desses espaços, do feminino e do masculino, se dá muitas vezes pela contraposição que é dada para o que seria ideal para as mulheres e o que seria ideal para os homens. Essas questões estariam ligadas a categoria biológica que ambos estavam nomeados. Se as mulheres pertenciam ao lar, aos homens caberiam a preservação moral da família, e a isso correspondem atitudes como trazer o sustento para o lar e manter a família dentro dos limites da moralidade, onde “a glória do homem está na retidão e no bom emprego de sua vontade e a glória da inteligência é servir para fazer triunfar a moral”. (JORNAL DAS MOÇAS, 1953, n. 2021, p. 23).

O cinema como mencionado acima, também foi responsável por trazer à tona a discussão em torno dos perfis femininos e masculinos idealizados para Del Priore, (2006, p. 192):

Certas representações do universo cinematográfico começam a encher a cabecinha das nossas meninas modernas. A palavras francesas como *coquetterie*, literalmente a preocupação de se valorizar para agradar, e *allure*, distinção de porte, somam-se outras, em inglês, influência do cinema: *sex-appeal* e *it*. A primeira dispensa tradução; a segunda, referia-se ao “quê” de sedutora que havia em cada mulher. “*It* é um dom de atração [...] uma qualidade passiva, que atrai a atenção e desperta o desejo. A mulher deve possuir o *it* para atrair o homem” explicava o articulista de *Cinearte*, em 1928. Já o *sex-appeal*, segundo o mesmo cronista, definia-se pelo físico “atraente e perfeito, pelas atitudes provocantes, o olhar líqüefeito e perigoso, no andar lento e sensual, nos lábios contornados e convidativos. As que têm [isso] os homens seus escravos são”. A “malícia”, outro ingrediente indispensável ao sucesso feminino, era sugerida por subentendidos na estética cinematográfica. Pois as mulheres passam a ser escolhidas por seu *it*, *sex-appeal*, *allure* e *coquetterie*

Mas os homens também eram alvo de análise, como mostra a pesquisa de Rosa e Pilla (2019) ao analisarem como a revista não via com bons olhos a rebeldia da juventude norte-americana, criticando ícones como Elvis Presley. Em edição de 1957, a revista critica os pais que permitem que seus filhos conheçam esse estilo, que parecia obsceno e capaz de tornar a juventude fraca.

[...] os responsáveis sóbrios que nada viram de mau nos ‘cem por cento’ esqueceram-se que eles seriam os culpados, um dia, da falta de decôro de seus queridinhos [...]. Os papais não têm forças para evitar que seus filhos iniciem a vida com o nome nos jornais e os chefes não conseguem fazer com que filmes comuns possam ser vistos em ambiente normal. [...] O que há é isso: FRAQUEZA. [...] Encham a cidade de Rock, mesmo nos clubes, e em pouco tempo a coisa passa e volta à normalidade. Depois... os papais que pensam nos filhos que estão dando ao mundo de amanhã. (JORNAL DAS MOÇAS, 1957, Nº. 2172, p. 5).

As críticas giravam em torno do requebrado do artista que talvez pudesse colocar em xeque o ideal de masculinidade sério e responsável. Não são raros os conselhos em colunas para as mulheres justificando as atitudes masculinas. Os homens precisavam trabalhar e por isso se ausentavam do convívio da família.

Quanto mais assíduo seja seu espôso a seu trabalho, maior bem estar terão ela e seus filhos. Deve ela pensar também que seu marido tem suficiente capacidade para saber quando pode ou não ficar em casa, pois os pais têm também amor a seus filhos, sentindo prazer em estar com eles. [...] direi que as espôsas que fazem estas queixas, seguramente nunca fazem objeção quando o marido lhes traz um bom cheque, para que elas possam gastar a vontade. (JORNAL DAS MOÇAS, 1950, Nº. 1816, p. 57).

Essa fala pertenceu a Dorothy Dix – uma jornalista estadunidense – que tinha seus artigos traduzidos por funcionários do *Jornal das Moças*. As suas análises giravam em torno das dúvidas de moças norte americanas, no entanto, a sua publicação nos Estados Unidos era da década de 1940, mas foram traduzidas no *Jornal das Moças* em 1950. Muitos de seus conselhos eram afirmando que a ausência do marido no lar era culpa das mulheres, que não investiam em um ambiente de harmonia, seja no relaxamento da casa, seja nos ciúmes, sendo assim, só restava aos homens irem em busca do que necessitavam fora de casa. “A boa dona de casa, jovem ou idosa, recém-casada ou com vinte anos de matrimônio, deve procurar atender às necessidades de seu lar, ao gôsto de seu esposo, para que não tenha êste protexto de passar no café ou frente a uma mesa de jogo [...]”. (JORNAL DAS MOÇAS, 1953, n. 1959, p. 15).

Mas os homens além de terem como responsabilidade o sustento da família, deveriam também ser bons exemplos para seus filhos, serem mais tolerantes e refrearem seus instintos masculinos que tendem a ser agressivos.

“Os filhos são uma simples cópia de seus pais”, Portanto, hoje, como em todos os tempos, nossa regra primordial consiste em nos dedicarmos ao bem-estar da família, enquanto nossos maridos se empenham em mantê-la. O ‘marido perfeito’ está ao nosso alcance, se cuidarmos de seu bom-humor e não considerarmos nunca como obrigação – ou uma coisa natural – sua eventual colaboração nos trabalhos domésticos. O trabalho caseiro é nosso; o marido tem o seu... (JORNAL DAS MOÇAS, 1959, Nº. 2285, p. 26).

A revista reforça mais uma vez que a harmonia do lar e conseqüentemente a de manter o marido feliz era responsabilidades das esposas. Elas deveriam saber escolher seus maridos, afinal o homem ideal é o que trabalha para sustentar a sua família, as outras qualidades poderiam ser construídas ao longo do casamento, caberia até mesmo para as esposas a missão de trabalhar nos homens a confiança em si e da importância de seu papel na família, como cita uma passagem da época que diz que “deixem-no crer sempre que vocês têm necessidade dê-lo e isto aumentará sua confiança em si mesmo. Não lhes faça concorrência no seu próprio terreno”. (JORNAL DAS MOÇAS, 1950, N°. 1826, p. 9).

E a beleza masculina? Será que era tão requisitada como a feminina? Mais uma vez os padrões de Hollywood são acionados. Para Rosa e Pilla (2019) ao conferir a lista de 1950 dos atores mais em evidência, se verifica que não há um tipo de ‘rapaz bonito’ entre os mesmos.

A presente produção de galãs em evidência aparentemente substituiu o tipo bonito pelo tipo másculo. E pensa você que a audiência feminina está se queixando desta mudança? Absolutamente, não. Elas adoram o tipo atual de galã. [...] Para maiores provas de que a era dos rapazes bonitos terminou, reparem nas novas atrações de bilheteria do presente, com ‘astros’ como David Brian, Marlon Brando, Macdonald Carey e Edmund O’Brien... Sim, é bem explícito que as fábricas de Hollywood não estão mais à procura de Rudolphs Valentinou ou John Gilberts. (JORNAL DAS MOÇAS, 1951, N°. 1864, p. 46- 47).

Os modelos de beleza masculina parecem se aproximar do perfil do homem másculo, viril, forte, e que passa a ideia de proteção e força. A beleza masculina mais delicada parece se aproximar do feminino. Eram tempos de Clark Gable, “um dos mais completos artistas da tela, um tipo viril, que em todos os seus papéis desempenha o tipo do homem verdadeiramente homem, agradando, por isso, a tôdas as gerações”. (JORNAL DAS MOÇAS, 1957, N°. 2215, p. 2).

Ainda na questão da beleza, “os homens que se importam muito com o último figurino da moda masculina não fazem, em geral, muito boa figurinha no mundo intelectual”. (JORNAL DAS MOÇAS, 1950, N°. 1823, p. 32). Mais uma vez Rosa e Pilla (2019, p. 187) apontam quem o homem másculo não deveria se importar tanto com a moda, e o que se importa seria malvisto por não se encaixar no padrão de um homem másculo e intelectual, pois perde tempo – na visão da masculinidade – com questões pouco importantes e ligadas à feminilidade.

FIGURA 10 – REVISTA DO GLOBO



Revista do Globo n° 293 de 1941

Percebemos assim, que a masculinidade na página do *Jornal das Moças* se fragiliza ao se aproximar de questões femininas. E por isso, a importância de pensarmos essas questões pelo conceito de gênero, já que o masculino e/ou a masculinidade é algo construído, tal como o é o feminino e ou a feminilidade. O estereótipo do masculino se edifica e se perpetua por meio da binaridade em contrapartida ao feminino.

4 A TROÇAS & TRAÇOS NO JORNAL DAS MOÇAS

Neste capítulo iremos explorar a coluna *Troças & Traços* ao longo dos anos 1950, buscando localizar temas-chaves para discutirmos sobre a relação de gênero presente na seção. Foram analisados dez discursos sobre o feminino, no qual a mulher é retratada de forma sarcástica e por meio do humor reafirma o discurso dominante para o feminino.

4.1 APRESENTANDO A SEÇÃO

Continuando nosso percurso histórico guiado pelo *Jornal das Moças*, chegamos à parada *Troças & Traços*, que é um espaço visualmente atraente, repleto de imagens e textos que levam o leitor a fixar os olhos em cada história. Com base nas análises, percebemos que a coluna ganhou atenção do público, já que do final dos anos 30 até os anos 60 aparece na maioria das edições publicadas.

A *Troças & Traços* é um espaço aberto onde o público é colaborador de conteúdo. As produções da coluna são, na maioria, imagens muitas vezes acompanhadas de texto, e esses textos são construídos com base nas vivências dos consumidores. É interessante o uso dessas fontes no trabalho, pois é uma abordagem recente nas pesquisas históricas e como traz Petry, os estudos com esse material são ricos em análises para compreendermos as subjetividades dentro dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Construir uma narrativa da História sobre os processos sociais, políticos, econômicos e culturais desenvolvidos em diferentes tempos e espaços implica apreender as subjetividades que circulam e se movimentam por eles. Nesse sentido, os estudos mais recentes da História Cultural nos indicam uma série de “novos” caminhos para alcançarmos análises mais adequadas de um cotidiano bastante fluído. (PETRY, p. 840, 2009).

Nesse sentido podemos entender que a coluna *Troças & Traços* é um caminho para compreendermos as subjetividades desse período. O humor na coluna é usado para entreter o público leitor, porém essa ferramenta é apresentada de forma sarcástica em defesa de um discurso tradicional do masculino sob o feminino. O objetivo do espaço é produzir humor através das produções, porém na medida em que as análises foram realizadas, identificamos

temas que são frutos das experiências dos sujeitos, mas que devem ser levados para o debate. Levando em consideração as mudanças advindas com os debates que envolvem o feminino, ainda assim identificamos permanências nos discursos dos indivíduos.

As revistas femininas estão incluídas nessas transformações, elas foram instrumento de civilização, educação e entretenimento. Chegaram a boa parte dos lares e de forma direta ou indiretamente influenciaram seus consumidores nos modos de ser e viver. Assim como os jornais e rádio, as revistas fizeram parte desse projeto de sociedade baseado nas concepções de progresso, no qual as instituições de controle social pregavam em seu discurso, a necessidade de mudança dos velhos costumes, era preciso uma nova roupagem que condissesse com o novo modelo de sociedade.

É dentro dessa atmosfera de transição para a modernidade que as revistas femininas ganharam a atenção da família brasileira, criada inicialmente como forma de divertir seus leitores e levar ao lar as novidades principalmente para as mulheres, as revistas femininas se mostraram cada vez mais educativas e direcionadas a determinados padrões da época, ou seja, a modernidade era bem vinda desde que se enquadrasse no projeto já consolidado. Nesse ponto a própria estrutura da revista nos dá pistas de como a sociedade aos poucos vai resignificando seus hábitos. Nesse sentido segundo Pinsky o *Jornal das Moças* é considerado um periódico que sempre saiu em defesa “dos bons costumes” e da “família estável”.

O *Jornal das Moças* não apresenta uma padronização em suas seções, ao longo dos anos podemos identificar que algumas colunas vão e voltam em suas publicações e a depender da receptividade dos leitores reaparecem nas edições seguintes, o que nos faz crer que a coluna *A Troças & Traços* era bem recepcionada pelo público, pois era uma seção humorística, carregada por uma acidez que envolve sobretudo a imagem da mulher e o mundo feminino, apresentando cenas comuns do cotidiano e como afirma Pinsky (2014) inúmeras vezes a mulher é retratada de forma pejorativa contrapondo a imagem masculina que na maioria das vezes é mostrada como superior à da mulher. Esses pequenos textos sarcásticos são reflexos da sociedade e das ideias que se tinham da mulher, contribuindo no reforço dos padrões de comportamento.

A *Troças & Traços* era um espaço livre onde era publicado pequenas histórias, ou seja, podemos identificar conteúdos de caráter machista em forma de piada, pequenas histórias em quadrinho, além de contos “românticos” escritos de forma sarcástica e também alguns conteúdos filosóficos. A figura feminina é apresentada muitas vezes de forma desfavorável e é interessante perceber como muitas das piadas continuam presentes em nosso

dia a dia, e isso mostra que diante das transformações ocorridas, os velhos costumes permanecem impregnados nas mentalidades.

O discurso sátiro reportado à mulher e o anonimato da coluna nos faz refletir na possibilidade da escrita partir de homens, já que estes tiveram mais acesso a esses meios, já que a educação da mulher era voltada na maioria das vezes para o lar. As mulheres que tiveram a possibilidade de se formarem, exerciam na maioria das vezes a docência (professoras), e uma pequena parcela se arriscava nos caminhos das letras escrevendo para periódicos.

4.2 ANALISANDO A SEÇÃO TROÇAS & TRAÇOS

No livro MULHERES DOS ANOS DOURADOS a autora Carla Bassanezi Pinsky faz uma descrição pontual acerca da *Troças e Traços* apresentando-a da seguinte maneira:

[...] Geralmente a mulher é retratada de forma pejorativa em contraposição à superioridade e a racionalidade masculinas. Em muitas delas, as mulheres são fúteis, escravas da moda, extrema e ridiculamente vaidosas possuem uma lógica tortura (o “eterno feminino”) que algumas vezes beira a estupidez. (PINSKY, p. 29, 2014).

O objetivo da seção é levar humor aos leitores e para isso os conteúdos criam e reforçam ideias do cotidiano. A autora ainda faz considerações acerca do gênero textual usado na coluna. Segundo ela as ideias conhecidas e convencionais e o caricaturar e exagerar são fatores principais para que as piadas sejam cômicas. A mulher descrita na *Troças & Traços* é fofoqueira e fala demais. Além das discursões sobre a mulher, o casamento se destaca na seção, não pelo romantismo e sim pelas decepções que vão desde traições, brigas e até o consumo exagerado das esposas. A seção é permanente no *Jornal das Moças* desde os anos 1930, inicialmente como *Troças e Traços*, em seguida vem como *Troças em Traços* e depois como *Traços e Troças*. Como veremos abaixo:

FIGURA 11 - TROÇAS E TRAÇOS



Edição: 01229 de 05/01/1939

FIGURA 12 - TROÇAS EM TRAÇOS



Edição: 01569 de 12/07/1945

FIGURA 13 - TRAÇOS E TROÇAS



Edição: 02194 de 04/07/1957

A imagem do homem é na maioria das vezes posta como superior à da mulher, reafirmando os papéis sociais que são postos pela sociedade, onde o homem é o provedor, inteligente e a mulher frágil, pacífica. Na sequência é apresentado alguns momentos que merecem destaque na coluna e algumas reflexões são tecidas.

Segue abaixo a tabela com identificação das respectivas edições analisadas nesse capítulo:

TABELA 1

Ano	Edição	Data de Publicação
1950	Nº 01805	19 de janeiro de 1950
1950	Nº 01829	29 de junho de 1950
1951	Nº 01899	08 de novembro de 1951
1952	Nº 01911	31 de janeiro de 1952
1952	Nº 01915	28 de fevereiro de 1952

Ano	Edição	Data de Publicação
1952	Nº 01916	06 de março de 1952
1953	Nº 01995	10 de setembro de 1953
1955	Nº 02084	26 de maio de 1955
1954	Nº 02042	05 de agosto de 1954
1955	Nº 02102	29 de setembro de 1955

Fonte: CARLOS (2021).

A primeira publicação a ser destacada é a edição Nº 01805 de 19 de janeiro de 1950 onde destacamos os fragmentos abaixo da coluna estudada.

FIGURA 14 – EDIÇÃO Nº 01805



Diagramação: Jornal das Moças, Nº 01805 de 19/01/1950

Na imagem (01) o diálogo traz para o debate o conceito de beleza, esse belo que estaria ligada a um padrão estabelecido pela sociedade, propagado principalmente entre as mídias. No texto:

“— Agora mesmo um cego a quem dei uma esmola me disse: - Obrigado, minha bela senhora.

- Eu tinha minhas dúvidas sobre a cegueira d'êle, agora vejo que é cego mesmo”.

O texto demonstra que o “*ser bonita*” estaria ligado a um conjunto de atributos que nem todas as mulheres estavam enquadradas e, portanto, não ser bela é visto negativamente.

Essa questão do ser bela e das inúmeras propagandas sobre como torna-se bela, estava fortemente ligado ao consumo, e inúmeros produtos de beleza chegam aos lares nessa época e os padrões se moldam acompanhando esse mercado da beleza. As modelos que estampavam as capas das revistas eram o ideal estético de mulher perfeita que todo homem queria ao seu lado. Pinsky ainda ressalta sobre a relação de gênero na seção:

No que diz respeito às relações de gênero, as piadas de *Jornal das Moças* reforçam preconceitos sobre a incapacidade das mulheres para determinadas atividades ou para o raciocínio lógico, ridicularizando a inversão de papéis e de autoridade na família, maliciando a respeito de determinadas profissões femininas, atribuindo-lhes uma preocupação exagerada com futilidades. (PINSKY, 2014, p. 33).

Assim, os meios de comunicação (rádio, revistas e TV) tiveram fundamental importância na divulgação de um padrão feminino desejado naquele momento. Nesse sentido podemos considerar a *Troças & Traços* como uma resposta da sociedade e do que se pensava naquele período sobre a mulher.

Na imagem (02) busca-se mostrar como o lugar da mulher é definido e limitado ao espaço privado do lar:

“Antonieta, este céu azul, este sol, não te faz lembrar alguma coisa?”

– Sim. Um magnífico dia para estender roupa no varal”.

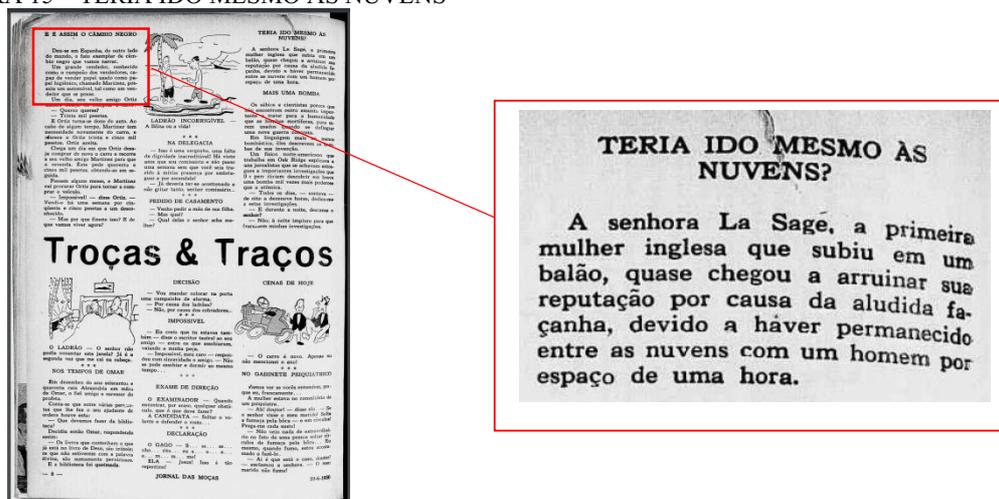
O papel feminino se resume aos afazeres domésticos e no seu universo não existe tempo para lazer, esse ideal é propagado pela mídia da época. Percebemos assim, que as piadas ou anedotas vinculadas na revista reproduzem os valores arraigados na sociedade, para Araújo e Heine (2019, p. 01) as piadas eram “peças linguísticas” sobre as quais é possível verificar o funcionamento ideológico, procurando analisar como, sob a máscara do divertimento e trivialidade, tais piadas constroem sentidos sobre a feminilidade.

As piadas se apresentam como recurso para apresentar fatos cotidianos onde aquele que as leem pode facilmente se ver inserido naquelas breves historietas. Mas, mesmo breves, as piadas se constituem em um denso corpus de análise, pois nelas é possível visualizar uma imensa possibilidade de discursos controversos e polêmicos.

Além disso, elas reforçam modelos, representações carregadas de preconceitos que estigmatizam sujeitos, determinados grupos sociais, no caso a mulher, inserida em um contexto marcado de dominação masculina e colocada como objeto risível de destaque, tendo em vista o amplo acesso e circulação da revista. Assim, surgem várias temáticas envolvendo as mulheres, como a sua frivolidade.

A mulher aqui é mostrada a partir do modelo pré-estabelecido pela sociedade e que eram reproduzidos tanto pelos meios comunicativos como nas rodas de conversa. Se a mulher não caminhasse nesse sentido seria vista com um olhar diferenciado, podendo ser excluída e tachada do oposto da verdadeira mulher, aquela que seria condicionada e limitada ao marido, filhos e casa. Na imagem seguinte abordaremos um posicionamento julgador com relação a situação descrita, vejamos:

FIGURA 15 – TERIA IDO MESMO ÀS NUUVENS



Diagramação: Jornal das Moças, Nº 01829 de 29/06/1950

No texto acima, na edição Nº 01829 de 29 de junho de 1950 no texto *TERIA IDO MESMO ÀS NUUVENS?* a senhora Le Sage foi vista com olhares preconceituosos pelo fato de ser a primeira mulher a andar de balão e ficar um pouco mais de uma hora na companhia de um homem, não identificamos quem escreve o texto, mas o tom de ironia é perceptível no fragmento:

“[...] a primeira mulher inglesa que subiu em um balão, quase chegou a arruinar sua reputação por causa da aludida façanha [...]”

O autor abre uma brecha para possíveis dúvidas da real intenção da mulher e do seu companheiro de voo. No desenrolar do texto fica claro a opinião do autor quando remete a reputação da atleta ao realizar o esporte, denotando que o visível se torna importante na sociedade, aquilo que é projetado ganha mais valor sobre aquilo que realmente é, pelo fragmento percebemos que a reputação dela foi colocada risco no momento em que ela decide subir no balão na companhia masculina. Nessa demonstração identificamos que os lugares para as mulheres eram traçados.

A ironia e o tom sarcástico que são mostrados nas histórias da coluna me colocam a refletir sobre quem as escreve, como era um espaço livre, as temáticas variam, mas traziam o mundo feminino como ponto chave, e as autorias são mantidas no anonimato, e esse fato pode influenciar na forma e nos conteúdos publicados. Nesse sentido podemos realizar dois questionamentos importantes: quem escreve para a *Troças & Traços*? E quem seleciona o conteúdo a ser publicado? Tais indagações são pertinentes, mas para o momento não temos respostas exatas, só teorias.

Destaquei para esse momento da nossa pesquisa edições dos anos 1950, 1951, 1952, 1953, 1954 e 1955, as quais chamaram atenção pois os temas nos fizeram refletir sobre a relação de gênero atribuída a homens e mulheres naquele período, percebendo como a coluna contribuía para a sustentação de um padrão feminino e também os anseios pela modernidade. A coluna está presente na revista até os anos finais de sua comercialização, primeira metade dos anos 60. Seguindo sempre a mesma forma de escrita com conteúdo que na maioria das vezes afirma a posição do homem naquela sociedade, outro fator importante é a ausência de seus autores.

Na edição nº 1916 de 06 de março de 1952, a coluna apresenta um relato mostrado na figura 16, onde no texto da imagem percebemos que o foco muda, a mulher é o principal agente da cena. Grande parte do material analisado identificamos que o enfoque principal era a figura feminina, nessa edição a mulher está visivelmente mais alta que o homem e a fala também muda, o destaque muda de sentido. Na imagem a representação feminina é posta como superior à do homem, a mesma tendo autoridade sobre ele, e no diálogo é questionada a sua masculinidade.

“- Não me venha mais fazer queixa de seus amigos! Afinal, você é homem ou não é?”.

FIGURA 16 - EDIÇÃO Nº 1916



Diagramação: Jornal das Moças, Nº 01916 de 06/03/1952.

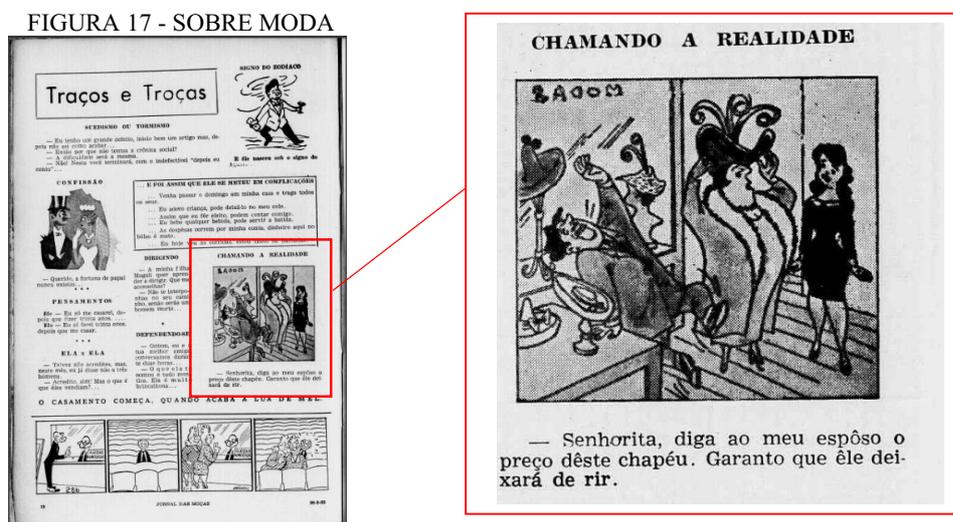
Ele, no entanto, é mostrado como inferior e com um semblante assustado, reconhecendo o poder sobre ele. Outro fator que chama atenção na imagem são os aspectos masculinos presentes na imagem da mulher. Em outros momentos da revista o feminino sempre é mostrado com traços delicados e dóceis, o contrário da imagem analisada acima. Isso quer dizer que esse perfil masculinizado não estaria nos padrões de beleza da época. A beleza é um mito que não é criado pelas próprias mulheres e sim pelas instituições que as representam, e tais instituições ainda são regidas pelo patriarcado. A revista propagava um perfil feminino distinto do apresentado, o da mulher gentil, magra e branca.

Como afirma Vitorino, 2012:

Olhando ao nosso redor são inúmeras as publicações de revistas, livros, sites dentre outros, direcionados ao público feminino que nos dão dicas de como agir, pensar, viver e como devemos aparentar fisicamente, tudo isso visando suprir a necessidade de incorporação do fenômeno que é a busca de um corpo que se encaixe no ideário de padrão e beleza inventada na sociedade atual. (VITORINO, R. K. C. 2012).

Porém, além da beleza, a tirinha em questão nos possibilita pensar algumas questões sobre as relações de gênero, afinal a personagem só consegue se impor ao homem, no caso o marido, porque também se masculiniza e o marido torna-se o feminino da relação, já que ele é o menor fisicamente. Assim, a revista transmite a sua mensagem de como as representações de gênero estavam na época atrelados as questões biológicas, já que os corpos representavam a superioridade sobre o outro.

As revistas femininas do início do século XX, como analisamos, apresenta uma demanda propagandista muito forte, inúmeros anúncios são apresentados para que seu público possa seguir. A revista a qual analiso também vai nesse caminho, ao qual é de grande importância para sua comercialização, pois quanto maior for a diversidade de produtos no periódico, mais atraente será para o público, assim torna quase uma necessidade a busca pela beleza que está ali exposta nas capas das revistas ao alcance de todas, nessa perspectiva a mídia tornou-se uma ferramenta de alcance incalculável na propagação de um modelo feminino, pautado na busca de uma beleza ideal e perfeita. Assim como a influência da mídia na propagação do que seria a mulher moderna, a moda também aparece na coluna como veremos na diagramação abaixo:



Diagramação - Jornal das Moças, Nº 02084 de 26/05/1955.

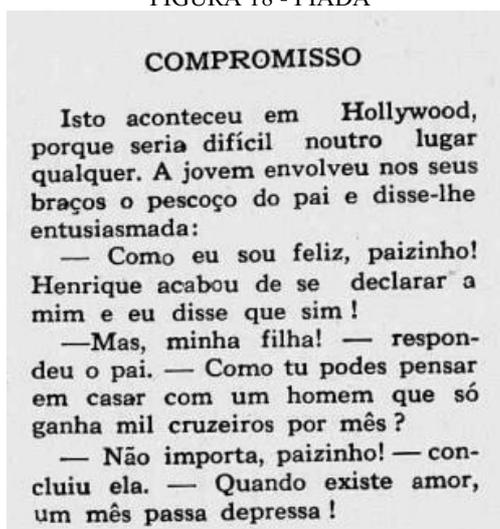
A moda passou por várias transformações que são refletidas na revista, e percebemos essas mudanças de antemão pelas capas. De 1914 a aproximadamente 1964 o vestuário feminino se transforma, inspirações europeias e americanas ganham o gosto das brasileiras que as adaptam à sua realidade. Na imagem acima chama-se atenção o fato do acessório (chapéu) ter um alto custo e nesse caso uma pequena parcela teria acesso, além disso, evidencia que era o homem, provedor da casa que iria custear, enfatizando mais uma vez que as mulheres gastavam o dinheiro dos maridos trabalhadores com frivolidades. Como afirma Dulci “O cinema e a moda são exemplos da produção cultural no mundo contemporâneo e, mais ainda, veículos de comunicação social de especial relevância por refletirem ideias e formas através de imagens”. (DULCI, p. 129, 2012). A influência vinha através da televisão,

cinema e periódicos e as pessoas desejavam vestir o que estava nas capas das revistas, impulsionando o consumismo cada vez mais entre mulheres e homens.

Como falei no item anterior essa coluna era um espaço livre, e nesse sentido percebemos uma escrita mais direta, ou seja, a ideologia de quem escreve é clara e objetiva devendo-se também ao fato de não ter identificação. O sigilo de quem escreve os textos isentaria a crítica ao autor ao estar sendo escrito. Resultado, não há um *feedback* da comunidade diante de algumas colocações, principalmente com relação a mulher. No que se refere aos artigos anônimos pode-se considerar normal nas revistas femininas dessa época, isso deve-se ao fato da ausência da mulher no mercado editorial, só aos homens era permitido emitir opinião pública, até mesmo sobre assuntos femininos.

A piada a seguir está presente na Revista *Jornal das Moças* de janeiro de 1952 na seção *Troças & Traços*.

FIGURA 18 - PIADA



Troças & Traços de 31/01/1952

A piada se refere a uma moça que aceita o pedido de casamento de um homem que não teria condições de sustentar a casa, ao se referir que “isto aconteceu em Hollywood porque seria difícil noutro lugar qualquer”, nos passa a ideia de que poucas mulheres se casariam por amor. De certa forma, a revista também estabelece críticas para filmes que romantizam as relações fazendo crer que o dinheiro não seria importante. A felicidade da moça se evidencia com a possibilidade do casamento, reforçando mais uma vez a felicidade feminina condicionada ao casamento.

A constituição do homem como chefe da família, o principal, senão único – preferencialmente -, mantenedor das necessidades da esposa e filhos, desencadeia certas

representações das mulheres. O recorte a seguir, de uma piada de fevereiro de 1952, também aborda a relação financeira entre os cônjuges:

FIGURA 19 - PIADA DE FEVEREIRO DE 1952



Troças & Traços de 28/02/1952

A piada reforça no curto diálogo a dependência financeira da mulher e como essa dependência gera chateações para esse esposo, já que ele cortou a mesada. Assim, imagem do casamento nas piadas é, regularmente, passada como desgraça e fonte de chateações. Conforme Pinsky (2014, p. 32) “o matrimônio só traz infelicidade ao homem e é, quase sempre, um bom investimento para a mulher”. Logo, o desespero da mulher em perder a mesada, reforça o fato de que ela não teria como obter esse dinheiro em outro espaço, como o trabalho. E também nos leva a interpretar os motivos pelos quais essa mesada foi cortada, talvez não estivesse sendo bem empregada para os desejos dos maridos na época e, portanto, as mulheres seriam as gastadeiras e interesseiras trazendo prejuízo para os respectivos maridos.

Esse discurso de que as mulheres se casariam apenas por dinheiro é reforçado na edição de 1954:

FIGURA 20 - DISCURSO



Troças & Traços de 05/08/1954

No diálogo, as duas amigas conversam sobre um determinado rapaz, suas qualidades dependeriam do poder aquisitivo que o mesmo tivesse, ou seja, se tivesse dinheiro seria de boa aparência. O interesse pelo dinheiro é recorrente na coluna *Troças & Traços*, evidenciando uma característica das mulheres que seria a de manter um padrão de consumo e de luxo. Padrão esse enfatizando pela própria revista que anunciava em suas páginas constantemente produtos de beleza e de utilidades domésticas, bem como de moda. Interessante observar que apesar desse investimento em produtos a revista elencava em suas colunas orientações para que as esposas colaborassem com orçamento familiar, e além disso, vinculava a ideia de que os casamentos deveriam ser feitos pelo afeto e não por interesses, e que o casamento ideal nos anos 1950 era baseado no afeto, uma vez que casamentos arranjados já estavam fora de moda, na capacidade de sustento e principalmente nas qualidades femininas. A esposa deveria ser afável, dedicada às “tarefas domésticas, à educação dos filhos, carinhosa e compreensiva com o marido, mostrar-se sempre disposta, cultivar a vaidade e ser econômica, sem incomodar o esposo com seus dilemas domésticos”. (NUNES, 2012, p.149).

FIGURA 21 - CONVERSA



Troças & Traços de 08/11/1951

No entanto, como percebemos nessa conversa, era comum esse investimento na esposa gastadeira, que não colaborava em economizar o dinheiro do marido, ao ponto de dois homens elogiarem Bernardino, um amigo em comum, de ter conseguido esconder por quase seis meses o aumento de ordenado. Poderíamos analisar essas piadas por dois caminhos. Um é analisando como as esposas sabiam se valer de um espaço social desfavorecido, já que elas em sua maioria não trabalhavam fora do lar, e usavam como vantagem o fato de administrarem o dinheiro do marido nas questões domésticas. Por outro lado, esse tipo de discurso, alimenta uma caracterização da mulher como consumidora inconsequente. Lembramos que esse período da década de 1950, evidencia o recente poder de consumo feminino, mesmo com a mulher não sendo provedora e sim sustentada pelo chefe de família.

Outro fator interessante era a ideia de que, mesmo consumindo em consideráveis quantias, o patrimônio familiar deveria ser poupado, por meio das economias da ala feminina na hora de adquirir os produtos. A mulher, ao economizar, estaria economizando o dinheiro do marido, conseguido com esforço e trabalho dedicado. “Logo, economizar o dinheiro, era uma forma de valorizar o marido e seus esforços em manter o conforto da casa pelo poder de compra através do dinheiro ganho por ele”,

como pode ser observado nas sugestões de Nancy Sasser na coluna em questão: “Eu sei que você é econômica e procura fazer a “mesada” render ao máximo. “Eu

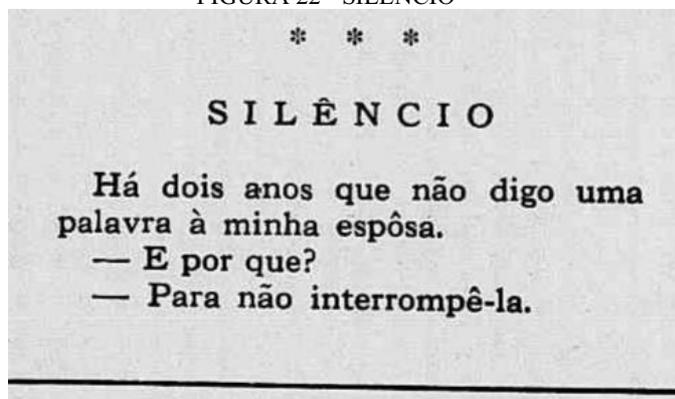
também protejo o dinheiro do meu marido, e quando faço minhas compras, verifico se de fato economizo”. (NUNES, 2012, p. 152).

Portanto a coluna reforça o preconceito sobre o feminino e como este é recepcionado pelo público consumidor. Segundo Pinsky (2014) as piadas atuam como forma de controle e desaprovações de algumas atitudes que justificam o masculino sob o feminino e ao mesmo tempo servem como crítica aos valores sociais da época. Em poucos momentos traz as mulheres sendo mais determinadas e poderosas em seus comportamentos, mostrando um ponto de vista novo.

Um outro ponto muito enfatizado na coluna *Troças e Traços* é o fato da mulher falar demais, não é incomum até hoje a representação desse discurso em vários espaços humorísticos. Muitas vezes essa característica tida comum às mulheres é associada a fofoca como a ociosidade, pois as mulheres que falam muito são as que não ocupavam seu tempo com os afazeres da casa.

Percebemos nessas duas representações que as mulheres falam indiscriminadamente e mesmo assim não são consideradas, já que na primeira piada, o esposo dá a entender que deixa a mulher falar sem parar, não interagindo com o que ela diz e a segunda imagem representaria o que as mulheres não sabem fazer, que seria justamente observar menos, escutar pouco e falar menos. Essas críticas estabelecidas em tom humorístico não condizem com os discursos vinculados no próprio *Jornal das Moças*, já que os discursos eram direcionados para que as mulheres fossem discretas, relevassem as traições de seus maridos, e ao invés de reclamarem sobre as dificuldades, fizessem de seus lares ambientes de harmonia e amor. O constante investimento no silenciamento das mulheres era comum nessas páginas.

FIGURA 22 - SILÊNCIO



Troças & Traços de 10/09/1953

FIGURA 23 – MULHER IDEAL



Troças & Traços de 29/09/1955

Mais uma vez enfatizamos como temas que aparecem no passado são ainda hoje encontrados em páginas de revistas e jornais contemporâneos, que demonstram como antigos comportamentos, modelos e códigos continuam prevalecendo, como a tagarelice sem sentido.

Sendo assim, ao longo desse capítulo percebemos como a *Troças & Traços* traz a discussão de gênero para o debate. Nesse espaço (coluna) podemos perceber que o lidar com a relação de gênero é acompanhado de uma boa dose de humor que transparece o discurso patriarcal no qual o homem é o provedor da família, aquele que está sempre com a verdade, o chefe de seu lar. Essa fala é bastante marcante, pois nesse contexto a mulher se torna uma simples sombra de seu companheiro, a mesma está sempre submissa às suas vontades, no entanto, a própria revista já acena para algumas mudanças, mesmo que estas sejam comandadas por outros interesses como o modo de vida norte americano capitalista explorando a vaidade e as preocupações frívolas.

As piadas como diálogos da vida cotidiana são fundamentadas em noções populares, folclóricas e utilizam-se de estereótipo dos modelos femininos, neste caso, para provocar o riso e a seção *Troças & Traços* imprimia e reiterava em suas “inocentes gracinhas” um discurso dominante, já naturalizado e projetava fartamente uma forma de violência simbólica contra a mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa dialogou com o *Jornal das Moças*, revista feminina publicada no Rio de Janeiro e comercializada em várias regiões brasileira. Esse periódico chega ao lar levando informação, educação e entretenimento ao seu público. Nosso recorte temporal compreende a década de 50, período em que o Brasil passa por mudanças estruturais e comportamentais que são refletidas nesses artefatos.

Assim, nossa pesquisa tentou em um primeiro momento apresentar a revista quanto a sua estrutura, seus fundadores e os principais assuntos que suas páginas carregam. Em um segundo momento mostramos como o contexto histórico é rico e importante para entendermos as representações da mulher. O período dos ditos Anos Dourados corresponde a uma época em que a modernidade estava adentrando nosso cotidiano e o consumismo aumentando cada vez mais. Por fim, no terceiro capítulo analisamos fragmentos da coluna *Troças & Traços*, seção da revista onde o público era um agente importante já que os mesmos alimentavam o espaço, nela transparecia um humor ácido com relação ao feminino.

Estudar o *Jornal das Moças* possibilitou viajar no tempo através dos textos, anúncios e imagens que a revista traz, mas acima de tudo nos mostrou uma representação do contexto feminino naquela época. Através dos anúncios percebemos como a intencionalidade da revista é direcionada a um perfil feminino específico. O que chama atenção no periódico é a quantidade de anúncios de produtos que vão desde batom até eletrodomésticos, mostrando assim que a revista dialoga não apenas com a mulher, mas toda a família.

Muito já se foi escrito sobre o *Jornal das Moças*, atingindo vários eixos temáticos, por isso, entendemos que nossa pesquisa tentou discutir uma pequena parte do que o *Jornal das Moças* proporciona. Entendemos que a pesquisa tem muitas lacunas, poderíamos ter analisado mais o gênero piada e essa forma de expressar sobre os problemas ou questões polêmicas tão comuns em nosso contexto. O humor é uma das formas mais utilizadas para expressar críticas ou reforçar preconceitos é nesse espaço da brincadeira e muitas vezes do sarcasmo que a ética não tem espaço, como se o humor fosse espaço livre para colocarmos para fora todos os discursos que consumimos, mas que muitas vezes não admitimos em outras situações. Tentamos assim, analisar como esses textos e imagens falavam de uma mulher não tão distante de nosso contexto, pois alguns estereótipos ainda estão presentes, como o da mulher fofoqueira, gastadeira e interesseira.

Nesse sentido, reconhecemos que a pesquisa poderia ter sido mais ampla e ter abarcado outras análises e leituras que poderiam ter nos ajudado a entender melhor esses textos, bem como, reconhecemos que a análise de gênero poderia ter sido melhor articulada. Não temos o intuito de apresentar justificativas para essas possíveis lacunas, mas as dificuldades que envolvem uma pesquisa são muitas, que vão desde o tempo que podemos dedicar a escrita, até mesmo a disponibilidade emocional que muitas vezes não temos em determinados momentos. Por isso, acreditamos que o trabalho aqui apresentado é fruto de nossas leituras e do meu lugar social de mulher sertaneja e filha de pais agricultores que hoje se aventura em uma cidade distante, mas que reconhece a importância de questionar e de problematizar os discursos que nos ajudam a entender o nosso espaço de mulher.

REFERÊNCIAS

ANDRZEJEWSKI, Luciana. A moda como história. **Revista Eletrônica do arquivo público do estado de São Paulo**, n. 53, 2012. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia06/texto06.pdf>>. Acesso em 10 de set de 2021.

_____. **Memória e moda**: novas relações, significados e modos de distinção no Rio de Janeiro de Pereira Passos. 2006. 202 f. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp005719.pdf>>. Acesso em 15 de set de 2021.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. **Jornal das Moças**: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945). 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3186>>. Acesso em 01 de set de 2021.

ALBUQUERQUE, Dálete Cristiane Silva Heitor de. **Os autores e os leitores**: os estabelecidos e outsiders nas colunas da revista jornal das moças (1930-1945). Paraná, 2015.

_____, Dálete Cristiane Silva Heitor de. **A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão**: a representação da mulher nas colunas da revista Jornal das Moças (1930-1945). 2016. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/bitstream/1/1021/1/DISS_2016_D%C3%A1lete%20Cristiane%20Silva%20Heitor%20de%20Albuquerque.pdf>. Acesso em 03 de ago. de 2021.

ALVES, Carlos Jordan Lapa; CAETANO, Athyla; FREITAS, Ana Carolina Silva. **Jornal das Moças**: ensino, mídia e discurso. **Temática**, v. 12, n. 2, 2016.

ARAÚJO, Risoneide Silva de. Escritos femininos: uma análise do sensível. **Revista Flor de Liz**. Cajazeiras-PB (1920-1930). 2016.

ARAÚJO, Victória da Silva Santana. “MULHER E HUMOR”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS PIADAS DO JORNAL DAS MOÇAS DA DÉCADA DE 50. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 22, 2018.

BASSANEZI, Carla et al. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, 2005.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Os “anos dourados?: memória e hegemonia. **Revista ArtCultura**. ISSN, v. 1516, p. 8603, 1969.

CARDOSO, Carlos. Quando o maior derramamento de sangue da história foi ótimo para a menstruação. **Contraditorium**, 2017. Disponível em: <<https://contraditorium.com/2017/08/14/quando-maior-derramamento-de-sangue-da-historia-foi-otimo-para-menstruacao/>>. Acesso em 17 de ago. de 2021.

CHARTIER, Roger et al. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CALEIRO, R.; GUMÃO, J. História, Corpo, Moda e Questões sobre o feminismo. **Histórica–Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 53, p. 01-08, 2012.

CHORTASZKO, Diane Saggiorato; MOREIRA, Rosemeri. **MULHER E FAMÍLIA NOS ANOS DOURADOS: OS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA REVISTA GRANDE HOTEL (1958 – 1961)**, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. Planeta, 2020.

_____. **História do amor no Brasil**. Editora Contexto, 2009.

_____. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (Coord. De textos). 7 ed.- São Paulo: Contexto, 2004

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis. Vozes, 1994.

DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.

DE OLIVEIRA, Amanda da Fonseca; ROCHA, Everardo. **Do lar ao trabalho: a mulher na representação publicitária (1950/1960)**. 2015.

DOS SANTOS, Liana Pereira Borba. **Mulheres e revistas: A dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950**. Disponível em <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2009_1-539-me.pdf>. Acesso em 30 de set. de 2021.

DOS SANTOS SOARES, Diego; DA SILVA, Ursula Rosa. O JORNAL DAS MOÇAS: UMA NARRATIVA ILUSTRADA DAS MULHERES DE 30 A 50 & SUA PASSAGEM POR PELOTAS NAS DÉCADAS. **Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel**, n. 3, 2013.

DULCI, Luciana. Moda, modos e liderança de gosto no cinema brasileiro. **ModaPalavra e-periódico**, v. 5, n. 10, 2012.

HISTORIEN. **REVISTA DE HISTÓRIA**. Petrolina, jan./mar. 2010.

JORNAL das moças. I, Nº 00001, 21 de maio de 1914, Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1914_00001.pdf>. Acesso em 18 de set de 2021.

_____. III, Nº 00076, 30 de novembro de 1916, Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1916_00076.pdf>. Acesso em 18 de set de 2021.

_____. IV, Nº 00084, 21 de janeiro de 1917. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1916_00084.pdf>. Acesso em 20 de set de 2021.

_____. XXV, Nº 01229, 05 de janeiro de 1939. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1939_01229.pdf>. Acesso em 04 de set de 2021.

_____. XXXII, Nº 01569, 12 de julho de 1945. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1945_01569.pdf>. Acesso em 03 de set de 2021.

_____. XXXVI, Nº 01805, 19 de janeiro de 1950. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1950_01805.pdf>. Acesso em 17 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01816, 10 de abril de 1950. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1950_01816.pdf>. Acesso em 22 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01829, 29 de junho de 1950. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1950_01828.pdf>. Acesso em 18 de set de 2021.

_____. XXXVII, Nº 01899, 04 de janeiro de 1951. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1951_01899.pdf>. Acesso em 30 de ago de 2021.

_____. [S.A], Nº 01864, 08 de março de 1951. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1951_01864.pdf>. Acesso em 18 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01911, 31 de janeiro de 1952. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1952_01911.pdf>. Acesso em 09 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01915, 28 de fevereiro de 1952. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1952_01915.pdf>. Acesso em 09 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01916, 06 de março de 1952. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1952_01916.pdf>. Acesso em 09 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01926, 15 de maio de 1952. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1952_01926.pdf>. Acesso em 13 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01959, 01 de janeiro de 1953. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1953_01959.pdf>. Acesso em 13 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 01995, 10 de setembro de 1953. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1953_01995.pdf>. Acesso em 14 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 02042, 05 de agosto de 1954. Editora Menezes, Filho & C. Ltda.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1954_02042.pdf>. Acesso em 15 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 02061, 16 de dezembro de 1954. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1954_02061.pdf>. Acesso em 21 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 02071, 24 de fevereiro de 1955. Editôra Jornal das Moças Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1955_02071.pdf>. Acesso em 23 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 02073, 10 de março de 1955. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1955_02073.pdf>. Acesso em 25 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 02084, 29 de maio de 1955. Editôra Jornal das Moças Ltda. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1955_02084.pdf>. Acesso em 19 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 02021, 09 de fevereiro de 1956. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1956_02021.pdf>. Acesso em 30 de set de 2021.

_____. [S.A], Nº 2172, 04 de julho de 1957. Editôra Jornal das Moças Ltda. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1957_02172.pdf>. Acesso em 02 de out de 2021.

_____. [S.A], Nº 02215, 28 de novembro de 1957. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1957_02215.pdf>. Acesso em 02 de out de 2021.

_____. [S.A], Nº 02285, 02 de abril de 1959. Editora Menezes, Filho & C. Ltda. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1959_02285.pdf>. Acesso em 02 de out de 2021.

JUNIOR, Soares et al. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. Louro GL, organizadora. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5ª, 1997.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2005.

MARQUES, Andrea Cristina et al. **A produtividade discursiva sobre as mulheres nos artefatos culturais**: a prescrição de uma normatividade social (1950-1970). 2014.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia; NOVAIS, Fernando A. Recônditos do mundo feminino. In: República: Da Belle Époque à era do rádio. **História da vida privada no Brasil**. Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

MEDEIROS, Raquel. Era Nova: a revista dos modernos anos 20 da Parahyba do Norte. **Nas Entrelinhas**, 2011. Disponível em: <<http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/052/era-nova-a-revista-dos-modernos-anos-20-da-parahyba-do-norte/>> Acesso em 11 de Setembro de 2017.

NUNES, Ariella Cappellari. Falando de Compras Como o consumo transformou o ideal do feminino na década de 1950. **Modapalavra e-periódico**, v. 5, n. 9, 2012.

PETRY, Michele Bete. As expressões gráficas de humor na história: uma metodologia de leitura para as fontes texto-visuais. **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Linguagem**. Londrina, Pr, 2009.

PILLA, Maria Cecilia Barreto Amorim. **Nas páginas do "Jornal das Moças" princípios de segurança alimentar**: década de 1950, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. Editora Contexto, 2014.

RODRIGUES, Alzira de Cássia da Silva et al. **Percursos do amor e do feminino na Revista Era Nova**: Paraíba dos anos 1920. 2014.

RODRIGUES, Alzira de Cássia da Silva. **Tessituras de uma Era Nova**: Paraíba dos anos 1920. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363888362_ARQUIVO_ARTIGOANPUH-TessiturasdeumaEraNova.pdf. Acesso em 25 de set. de 2021.

RODRIGUES, Carla Daniela Alves; DA CUNHA, Francisco Almeida. Desejos e práticas femininas em Teresina no limiar dos anos dourados. **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de história da UESPI**, v. 5, n. 1, p. 272-288, 2016.

ROSA, Lucas Santos; PILLA, Maria Cecilia Barreto Amorim. Homem ideal em revista no Jornal das Moças (anos 1950). **Caderno Espaço Feminino**, v. 32, n. 1, p. 175-192, 2019.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. 2006.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCHMITZ, Daniela; BONIN, Jiani. A identidade feminina na recepção de moda em revista. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 44-53, 2009.

SOARES, Elocir Guedes. **Beleza e comportamento nas páginas do Jornal das Moças**: uma análise da influência do Star System na sociedade brasileira dos anos 1950. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8757>>. Acesso em 23 de set de 2021.

_____. **“PAUSA PARA MEDITAÇÃO”**: ESTEREÓTIPOS COMPORTAMENTAIS NO JORNAL DAS MOÇAS ANOS 1950. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/ephis/assets/edicoes/2017/arquivos/62.pdf>>. Acesso em 23 de set de 2021.

VOKS, Douglas Josiel. As representações sociais sobre as mulheres na revista Careta (1910–1920): entre a mulher ideal e a independente. **Temporalidades**, v. 4, n. 1, p. 175-188, 2012.

VITORIANO. Renata Kelly Cavalcante. **(Re) vistas a revista**: representação feminina no corpo a corpo (1995 -2005) / Renata Kelly Cavalcante Vitoriano. Guarabira: UEPB, 2012.

WEINSTEIN, Barbara. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 143-171, 1995.